CORNELIU ZELEA CODREANU

ANOTAÇÕES DA PRISÃO

DE JILAVA

-1938-

SOCIEDADE EDITORA "DÁCIA"





CORNELIU ZELEA CODREANU

1899 - 1938



THE PROPERTY OF THE PARTY OF TH

CORNELIU ZELEA CODREANU

ANOTAÇÕES DA PRISÃO

DE JILAVA

-1938-

SOCIEDADE EDITORA "DÁCIA" Rio de Janeiro - 1988



Digitalizado pela Frente Integralista Brasileira http://www.integralismo.org.br/ Deus - Pátria - Família

PREFÁCIO

a 18 Edição Romena

Treze anos depois do Calvario do Capitão na prisão de Jilava, publicamos as suas anota ções referentes ao período em que la ficou preso. Elas viram a luz do dia, pela primei ra vez, na Alemanha, em Rostock, sob forma de um folheto mimeografado. Imprimí-los naquela época não nos foi possível. O governo alemão tinha-se comprometido perante Antonescu, não so de nos manter em campo vigiado mas também de impedir qualquer manifestação legionária na publicística europeia. Uma edição em lín gua holandesa, do livro de Corneliu Codreanu "Para Legionarios", não foi possível aparecer, o mesmo acontecendo com-a edição preparada em lingua francesa. Somente na Espanha, o Livro do Capitão teve uma outra recepção. A Europa. cue se pretendia nacionalista, nos impediu de manifestar-nos e, por um paradoxo do destino, somente hoje podemos afirmar livremente nossos pensamentos.

"As anotações da prisão de Jilava" constituem um tremendo documento humano. Elas re produzem a confissão de um homem que sabe que não tem muito que esperar dos homens, que a sua vida e a sua luta, desde a hora em que o próprio Rei encabeçou a turma dos malfeitores, pertencem a vontade de Deus. Os seus sofrimentos físicos e morais são confiados a posteridade, com o suor da morte na sua fronte. Quem percorre o itinerário de sofrimento do Capitão, sente que a sua própria existência está se balançando, pelas dúvidas, pelas tristezas, pelo desespero que poem a prova sua grande alma.

De repente, na treva de Jilava, acendese a luz de um outro mundo. Mostram-se os
tempos longínquos, quando Cristo carrega va
Sua cruz para o lugar da sua condenação. O
Capitão não mais está sozinho. A verdade tes
temunha por ele. E a verdade vencerá acima
dos cálculos daqueles que juraram a sua perdição. "O Deus vê e recompensará" são as pa
lavras com as quais concluiu o seu último depoimento, destinado a outros juízes, não aque
les que o condenaram.

O valor delas é grande também de outro ponto de vista. As "Anotações da prisão de Jilava" definem, numa forma que não mais dei xa qualquer dúvida, o sentido profundo do ensinamento legionário: o espiritual não pode ser separado do político; a disposição íntima do indivíduo, os apelos do sobrenatural, pre cisam achar um correspondente na vida coletiva. "A característica do nosso tempo - diz Corneliu Codreanu - é que estamos nos preocupando com a luta entre nos e outros homens, não com a luta entre os mandamentos do Es-

pírito Santo e os desejos do nosso ser terrestre. O Movimento Legionário faz uma exce ção, ocupando-se, mas insuficientemente, tambem da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação".

"A responsabilidade de um dirigente é muito grande. Ele não deve deleitar os olhos de seus exércitos com vitórias terrestres, não os preparando ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual o espírito de cada um possa se coroar da vitória eterna ou da derrota eterna".

A tragedia toda da humanidade provem, como consequência, da dissociação dos dois elementos, da falsa concepção de que a História se faz sem Deus, de que as leis sociais seriam diferentes daquelas que regem o interior do ser humano.

Junho de 1951

Horia Sima

PREFÁCIO

ă Edição Argentina

Estas anotações, escritas na prisão de Jilava durante os meses que precederam sua morte, constituem a mensagem postuma de Corneliu Codreanu, Chefe e Fundador da Legião do Arcanjo São Miguel, a famosa "Guarda de Ferro" rome na.

Quem foi Corneliu Codreanu? Que valor tem a sua doutrina e sua figura para a atual juven tude (argentina), desconhecedora em sua grande maioria dos laços culturais e espirituais que nos unem à estirpe romena, cunha latina no mis terioso mundo eslavo? Como pode surgir sua figura através das sombras exteriores de uma his tória recente, conhecida quase exclusivamente através da versão oficial, imposta pela propaganda e os ditames dos bárbaros vencedores da Europa, após a repartição da dominação do mundo na reunião de Yalta?

Para responder a estas perguntas achamos conveniente apresentar a figura do Capitão (as sim era e continua a ser chamado pelos legionarios e pelo povo) num breve esboço biográfico. Seu retrato mais íntimo, o de sua alma heróica e sofrida, será descoberto pelo leitor nas páginas deste "Diário" (1).

Corneliu Codreanu nasceu em laşi (Rumânia) em 13 de setembro de 1899. O exemplo do seu pai, professor lon Codreanu, e as leituras do

⁽¹⁾ Uma noticia biográfica completa pode ser encontrada no excelente livro de Carlo Sburlati" Codreanu, el Capitan", Acervo, Barcelona, 1970.

histórico N. lorga e do teórico nacionalista professor A.C. Cuza, semearam na sua alma jovem as primeiras sementes do que alguém definiu de "o patriotismo militante das horas de crise".

Criança ainda, acompanhou o regimento de seu pai na frente de combate, na primeira guer ra mundial. Recebeu sua educação e formação escolar secundária no Liceu Militar de Manastirea Dealu, que deixará no seu caráter uma marca indelével:

"A ordem, a disciplina e a hierarquia imprimidos em meu sangue ainda em tenra idade, junto com os sentimentos de dignidade militar, marcaram com seu traço incandescente toda minha atividade futura (...). Aqui tenho aprendido a amar as trincheiras e desprezar os salões" (2).

Seu ingresso na Faculdade de Direito de lasi, coincidiu com a situação caótica de após guerra. O comunismo triunfante na Rússia ameaçava violentamente a Rumânia desde seu in terior, atacando as classes mais pobres, vitimas da miséria e da exploração. Atras do comunismo, por um lado e da crise econômica por outro, estende-se o poder do judaísmo for te pelo seu número e pela sua agressividade.

Codreanu da suas primeiras batalhas neste terreno, junto com o operário Constantin Pancu, Chefe da Guarda da Consciência Nacional. Como Corridoni, na Italia, Pancu procurava reunir numa so frente o amor a Patria e à justiça social. Combatendo ao seu lado, Codreanu escreve:

⁽²⁾ Corneliu Codreanu, "Guardia de Hierro", Omul Nou, München 1972, pg. 21.

"Por muita razão que as classes operárias possam ter, não admitimos que se levantem mais além ou contra as fronteiras do País; ninguém admitira que para conseguir teu pao, destruas ou entregues à uma nação estrangeira de banqueiros e usuários tudo que tem acumulado o esforço bimilenar de uma raça de trabalhadores heróicos. Teus direitos, dentro do quadro dos direitos da tua raça. Não admitimos que pelo seu direito rompas em pedaços o direito histórico da nação a que pertences".

"No entanto jamais admitiremos que a sombra da bandeira tricolor se instale uma classe oligarquica e tirânica sobre os ombros dos trabalhadores de todas as categorias e lhe estole il teralmente a pele, anita fo continuamente as ide as de uma Patria que não aman, de um Deus em que não a red tam, de uma vire a em cue nunça entra « de um Exíri » que lo gara querra com as sos vaz us! ())

Esta frence duplla de combate já sintetiza o programa político de Codreanu. Porém, o movimento que tinha iniciado não se deterá no plano político, nem se fechará nos limites estreitos de um programa. Como José Antonio, seu gêmeo espanhol, Corneliu Codreanu não acredita que qualquer coisa séria, decisiva, eterna, se tenha feito baseado em um programa. (4)

A luta, começada na rua, se transfere para a Universidade. Presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito e logo da Associação dos Estudantes Cris tãos, Codreanu vai adquirindo pres-

⁽³⁾ Idem (2) - pág. 35.

⁽⁴⁾ Cf. José Antônio Primo de Riveira, Obras Completas, Madrid, 1966, pg. 196.

tígio que em breve alcança dimensões nacionais. Dentro do movimento estudantil dirigiu a luta pelo "numerus clausus", procurando resgatar a Universidade do domínio judaico e devolvê-la a essência nacional e cristã.

A luta universitária encontrou uma ampla repercussão popular, indicando um despertar da alma romena. Para canalizar as novas energias que estavam surgindo foi fundada a Liga da Defesa Nacional Cristã, sob o estímulo de Codreanu e a direção do professo r Cuza. A liga levara a todos os rincões da Rumânia a rebeldia nascida no espírito dos jovens estudantes.

Em 1923, Codreanu é preso pela primeira vez, com um grupo de jovens camaradas com os quais complotava para aplicar a justiça aos traidores e inímigos da nação romena. Desta estadia na prisão de Vacaresti surgiu, como uma irmandade indestrutível, o núcleo que irá se converter no eixo fundador do Movimento Le gionário.

As duras privações da prisão leva o Chefe a aprofundar no seu interior o alcance de uma luta que não pode ser meramente política. O herôi da juventude nacional será também seu profeta. Nas meditações destes dias de prisão começam a tomar forma em sua alma os traços do místico e do santo, que conduzirá os seus ao combate sob a custódia celeste do Arcanjo São Miguel. Muitos disseram que Codreanu experimentou uma revelação ou manifestação do Arcanjo. As próprias palavras do Capitão pareciam indicá-la:

"Jamais tinha sido atraído pela beleza de uma imagem, porém me sentia ligado à esta com toda alma e tinha a impressão de que o Arcanjo estava vivo. Desde então comecei a amar a imagem. Cada vez que encontrávamos a igreja aberta, entrávamos e nos ajoelhávamos diante dela, e a alma se nos enchia de calma e alegria". (5)

De joelhos diante da imagem, na capela da prisão, se oferece ao Senhor como vítima es piatória:

"Senhor, tomamos sobre nos todos os pecados desta raça; aceite nossos sofrimentos e faça que estes sofrimentos frutifiquem em dias melhores para ela" (6)

O Senhor receberá esta súplica, aceita rá este oferecimento e o conduzirá até o martírio. Os frutos desta entrega generosa perduram até hoje, apesar de tudo, como motivo de esperança.

Obtida a liberdade, Codreanu iniciou uma atividade que nos anos seguintes se estendeu a escala nacional: aquela dos campos de trabalho, com dupla finalidade:

 O financiamento do Movimento, pois o Chefe rechaçará sempre as subvenções que comprometem e escravisam, e, não acredita na validade de uma organização incapaz de achar no seu

⁽⁵⁾ Guardia de Hierro, pág. 170

⁽⁶⁾ Idem, pag. 167

próprio seio os recursos necessários para sua vida e desenvolvimento. (7)

 A educação dos seus militantes pelo trabalho e pelo sacrifício.

Já se mostra aqui o que será a nota es sencial e distintiva do Movimento Legionário: sua preocupação pelo nascimento de um homem novo.

"O País está morrendo por falta de homens, não por falta de programas (...). E por isso não precisamos criar novos programas, mas homens; homens novos.(8)

Como o regime corrupto que dominava a patria romena intuiu o perigo que estava nas cendo e o ameaçava em suas raízes mais profundas, a repressão aumentava. Codreanu foi nova mente preso, seus camaradas são torturados. Ja em liberdade, intervém como advogado no proces so de um dos seus. Ele é agredido dentro da própria sala do tribunal pelo chefe dos torturadores, o prefeito de polícia Manciu que matou naquela ocasião em legitima defesa. Codrea nu volta à prisão.

Saira absolvido do processo, que se transformou em acusação contra os verdugos. O triunfal retorno a fași, durante o qual Codreanu é aclamado como vencedor por dezenas de milhares de romenos, na sua maioria estudantes e camponeses, assinala o alto grau de popularidade que sua figura tinha alcançado. As ma

⁽⁷⁾ Guardia de Hierro, pág. 288

⁽⁸⁾ Idem, pag. 259

ciças manifestações de simpatia se repetiram por ocasião do seu casamento com Elena ¡linoiu, quando os noivos foram acompanhados por 2300 veículos em uma caravana que se es tendia por vários quilômetros. A luta do jovem estudante fez vibrar as fibras mais íntimas dos corações sãos da sua pátria.

No entanto, todo este despertar devia ser canalizado de maneira orgânica e os responsáveis dele não se mostraram estarem a altura de tal missão. O professor Cuza, excelente teórico, não possuia qualidades de Chefe. A Liga da Defesa Nacional Cristã, depois de alguns êxitos iniciais, não andava como de via. Os desacertos de Cuza acabaram dividindo-a, frustrando desta maneira as esperanças da Nação e deixando apagar-se a luz acesa pela luta juvenil.

Estas circunstâncias infelizes são as que se apresentam a Codreanu quando da sua volta da França onde tinha ido para complementar seus estudos. A divisão do Movimento Nacional levou-o a decidir a recomeçar tudo de novo, sobre diversas bases, por um caminho novo, tomando em conta os erros cometidos.

Em 24 de junho de 1927 reuniu o grupo de camaradas com quem compartilhou a prisão de Vacaresti e fundou, sob seu comando,"A Le gião do Arcanjo São Miguel".

"Que venham nestas fileiras aqueles que acreditam sem reservas. Que fiquem de fora aqueles que tenham dúvidas", reza a primeira ordem do dia. Pois o que une este reduzido mas animado núcleo juvenil não é só a luta universitá

ria, nem um programa político. É a fé. Fé em Deus, fé na missão transcendental do homem e da nação. Fé na verdade intuída, mais que em uma doutrina nascida do cálculo ou do raciocínio.

"Não tínhamos nos reunido porque pensãvanos da mesma maneira, mas porque sentíamos da mesma maneira; não tínhamos o mesmo modo de pensar, mas a mesma estrutura espiritual. Não tínhamos (...) dinheiro, nem programa, mas tí nhamos, em troca, Deus na alma, e Ele nos ins pirava a força invencível da fé". (9)

Codreanu será o Chefe, o Capitão do movimento que nascia. Sua figura irá crescer
até transformar-se em protótipo do ideal personificado, no exemplar do homem novo, cujo su
cesso constituirá o eixo da idéia legionária.
Em redor dele se juntará a juventude, cada vez
mais numerosa, acompanhada por velhos lutadores, preservados da corrupção que a vida parti
docrática gera. Da nobre pureza, nata nos jovens idealistas, defendida pelo duro ascetismo
e a lealdade aos velhos militantes, surgirá a
força mais pujante que tenha conhecido a Nação
Romena.

O caráter introdutório destas linhas não nos permite descrever em detalhes a história do Movimento Legionário, desde a sua fundação até a morte do Capitão. Esta história é tão rica em exemplos, heroísmo e sofrimentos, que qualquer tentativa de resumí-la ou selecionála corre o risco de mutilá-la e empobrecê-la.

⁽⁹⁾ Guardia de Hierro, pág. 253.

Tanto o dito como o não dito, que sirva para estimular a curiosidade do leitor e despertar nele o desejo de conhecê-la. (10)

De minha parte confesso que cada vez que leio me embarga a emoção e sinto vibrar em mim as fibras de uma profunda emoção espiritual. Volto a ver o Capitão, vestindo seu traje regional, a cruz de Cristo sobre o peito, a cavalo, cruzando os campos e as vilas para anunciar aos camponeses fervorosos a Resureição da Pátria, empreendimento sem promessas e repleto de exigências de sacrifícios.

Vejo-o no Parlamento - como José Antônio "deputado sem fé e sem respeito para com os mitos liberais" - propiciando, sozinho con tra todos, a pena máxima contra os assassinos da estirpe.

Contemplo aqueles que o acompanham na realização do seu sonho heróico:

- As "Irmandades da Cruz", estudantes secundários unidos no juramento do sangue.
- Os "Campos de Trabalho", onde a reconstrução material do País se une ao renascimento espiritual dos voluntários, mediante

⁽¹⁰⁾ O "Diário" constitui uma excelente intro dução para esta história. A quem desejar conhecê-la com maior amplitude recomenda mos (além das obras citadas): Horia Sima, Histoire du Mouvement Légionnaire, Dácia, Rio de Janeiro, 1972; Paul Giraud, Codréanu et la Garde de Fer, ib. sem data.

a dura fadiga e a luz que brota das palavras com que o Capitão os anima.

- 0 'Batalhão do Comércio Legionário'', onde o comércio desinteressado revoluciona o conceito de economia, liberando-a da sujeição ao dinheiro.
- 0 "Ninho", estrutura básica da Legião, que, mais do que uma "célula", é uma Família, unidade de ação, de formação e de oração.

Apresenta-se ante meus olhos, finalmente, a "Equipe da Morte", núcleo selecionado da queles que decidiram viver no ideal até a morte e prestam seu testemunho percorrendo o País, cantando e rezando, oferecendo o testemunho da sua presença, golpeados seguidamente até perderem o sentido, arrastados por todos calabouços e todas as prisões da Romênia.

Todas estas imagens são tão estranhas para o nosso mundo prostituído pelo culto ao dinheiro, à carne, à matéria. Diversas imagens, porém unidas todas por uma causa idêntica: o sofrimento e a cruz, que constituem o centro da história legionária. Não é por aca so o distintivo do Movimento (seis barras cruzadas); simboliza ao mesmo tempo a cruz de Cristo e as grades da prisão.

Quando um povo é arrastado pelos seus governantes à corrupção, quando o espírito da Nação é prostituído pela degradação dos seus chefes e responsáveis, não resta outro caminho para a reconquista que o caminho da cruz e do martírio. Para as nações, como para os homens, o caminho da Ressurreição deve passar por aquele do Calvário. Codreanu o compreendeu. Por isso mede seus homens de acordo com a "sua capacidade de sofrimento e de amor".

Sabe também que o Senhor aceitou seu oferecimento em Vacaresti. Este é, pois o espírito que anima as páginas desse "Diário", em particular a meditação da Paixão de Jesus e os parágrafos onde descobre sua irmandade es piritual com São Paulo, o Apóstolo que deseja va no seu corpo os sofrimentos redentores de Cristo.

Dominava a corrupção, de fato, na Romênia submetida à tirania de Carol II, rei ve nal, hipócrita, capaz de todas as traições, sensual, submisso aos caprichos de sua cocumbina judia, Elena Lupescu (Magda Wolf).

E esta camada dirigente do Estado, cor rupta, tinha que se sentir ameaçada pelo ressurgimento espiritual da Nação, causado pelo tenaz avanço da Legião e pelo eco que ia encontrando o testemunho pessoal do Capitão e de seus seguidores. Dificilmente nos mostrárã a história uma tal soma de fraude, violência, mentira e injustiça como aquela empregada por Carol, com a cumplicidade da imprensa judaica e dos partidos burgueses e maçônicos, para parar a marcha da Legião.

Porem, tudo isso é inútil. Como os primeiros cristãos, os legionários surgem for talecidos depois de cada período de persiguições e, renascem da terra regada com o sangue dos caídos. O despertar legionário da Romênia manifesta-se inclusive num terreno que é proprio aos adversários: aquele dos resultados eleitorais.

Então Carol, pressionado pelas lojas maçônicas e pela sinagoga, e, pelo seu próprio orgulho criminoso, perdeu a paciência. Tomou em suas mãos todos os poderes e nomeou primeiro ministro o patriarca Miron Cristea, que de

sempenhou perfeitamente o papel de Caifás.Dís solveu todas as organizações políticas e submeteu-as à justiça, medida esta que tinha um so alvo: O Movimento Legionário.

Milhares de legionários enchem as prisões. O Capitão, rechaçando a possibilidade do exílio romano, decide compartilhar a sorte dos seus. O grande historiador e ex-nacionalista Nicola lorga será o Judas da circunstância. Acusou o Capitão de injúrias, permi tindo desta maneira que ele fosse preso e con denado, em abril de 1938, a seis meses de pri são.

 A armadilha ja se tinha fechado sobre a vitima escolhida.

O segundo golpe seria assestado pela portiça, submissa as ordens do rei. Num julgamento infame, Codreanu é acusado de traição e condenado novamente, desta vez a dez anos, apesar de que a precaria defesa permitida con seguiu refutar todas as acusações e desmascarar toda a falsidade das provas.

Durante esta última detenção, na prisão de Jilava (cujo nome significa 'humidade', mostra bem claro as condições de detenção) o Capitão escreveu o Diário que hoje publicamos em sua segunda edição castelhana. (11)

Não se deve procurar em suas páginas um manifesto político ou um compêndio de doutrina. Elas nos mostram a alma despojada e san-

⁽¹¹⁾ A primeira edição, completamente esgotada, foi impressa em Barcelona, em 1952.

grenta de um homem e um chefe que ao aproximar-se o momento do sacrifício supremo, mostra até que ponto o ideal defendido e procla mado se tornou realidade em sua própria pes soa.

Da prisão só sairã o Capitão para ser le vado à morte.

Na noite de 29 a 30 de novembro de 1938, sob o pretexto de uma transferência, agentes pessoais do rei o conduziram à floresta de Tancabesti, na proximidade de Bucareste. Ali foi estrangulado, em companhia de outros treze legionários. Os verdugos dispararam em se guida sobre seus corpos, para dissimular uma intenção de fuga, que será anunciada no comu nicado oficial. Deste modo, o rei traidor é corrupto, agente dos poderes ocultos, pensou ter acabado com a Legião do Arcanjo São Miguei.

Passaram quase quarenta anos desde aqueles acontecimentos e podemos afirmar, sem medo de incorrer em figuras retóricas, que Corneliu Codreanu não morreu. O Movimento Legio nário - seis meses no poder, quase cinquenta anos sob duras perseguições - continua vivo no exílio e em silêncio numa Romênia, hoje subme tida à escravidão marxista, mas que não perdeu a esperança pela qual o Capitão lutava em sua prisão de Jilava.

Os escritos de Codreanu e as obras de história e doutrina legionária estão sendo editados hoje em todo o mundo, em romeno, ale mão, inglês, francês, italiano, espanhol e português. Em seu redor torna a despertar o interesse de um amplo círculo de leitores, es pecialmente jovens, que se aproximam delas não com mero espírito de curiosidade histórica, mas para descobrir a luz que ilumina uma autêntica estrutura espíritual e militante.

Pensamos que este fenômeno deve atripuir-se às características proprias do Movimento Legionário, que o diferencia com caracteres excepcionais no variado espectro dos mo vimentos nacionais surgidos na Europa entre as duas guerras mundiais.

Foi uma situação de grave crise (decadência das democracias burguesas e avanço amea çador da revolução comunista) e que deu origem a estes movimentos. Seu denominador comum - além de diferenças as vezes notáveis - foi uma reação contra o caos, o que permitiu a Bardêche denominá-los de "movimentos de sal vação nacional".

Mas esta reação - cujos sustentáculos ideológicos vão desde o conservativismo católico ou monárquico até os socialismos nacionais de inspiração mais ou menos pagã - foi, geralmente, parcial. Isso quer dizer, fechada dentro dos limites de um determinado plano político, econômico, talvez cultural.

Somente Codreanu - mesmo se nisso o acompanhe em parte a intuição genial de José Antônio - foi capaz de captar as raízes profundas da desordem e as exigências radicais do remedio. Por isso sua figura transcende aquela de um dirigente político, para projetar-se como síntese exemplar do Santo, do místico e do heroi.

Para ele também o Movimento Legionário não é um partido - em absoluto - nem sequer um movimento "político" - na aceitação mais ou menos restrita do termo - . Achamos que seria exato definí-lo como uma Ordem ao mesmo tempo religiosa e militar - na mais nobre aceitação destas palavras - que procura a transformação revolucionária, ou a substituição to

tal de uma sociedade em crise mediante a instauração de uma nova ordem.

No entanto, a criação desta nova ordem não será obtida por uma simples mudança de estruturas externas (sociais, políticas ou econômicas), mas através da conversão interior dos seus militantes, para um estilo de vida que deverá configurar o homem novo - não no sentido utópico do marxismo, mas dentro da concepção paulina e cristã. (12)

Este homem novo nascerá do trabalho e da luta, do sofrimento e do sacrifício. Escutemos as palavras com que o próprio Codreanu refere-se a este homem que já era dentro de le uma realidade concreta:

"A pedra angular da qual parte a Le gião, não é o programa político, mas o homem; a reforma do homem, não a reforma dos programas políticos. A Legião do Arcanjo São Miguel será, em consequência, mais uma escola e um exército do que um partido político.

(...) Um homem no qual se encontrem desenvolvidas ao máximo todas as possibilidades da grandeza humana semeadas por Deus no san que da nossa raça (...).

Desta escola legionária sairá um homem novo, um homem com as qualidades de he-

⁽¹²⁾ Sobre o conceito legionário do "homem no vo", recomendamos ler: Horia Sima "O Homem Novo", Dácia, Rio de Janeiro; Ernest Bernea: Testemunhos para um Homem Novo", Dacia, 1970; Faust Bradesco: Les Trois Epreuves Légionnaires, Prométhée, Paris, 1972.

rõi, um gigante da nossa história, que saib a combater e vencer todos os inimigos de nossa Pátria. Sua luta e sua vitória deverão estender-se ainda mais além, sobre os inimigos invisíveis, sobre as forças do mal". (13)

Sublinhamos esta última frase, claro indício da visão transcendental que o Capitão tinha sobre o combate em que se empenhou.
O mal não se esgota nas formas externas de um
sistema político falso ou injusto: está no in
terior do homem e tem raízes na ordem sobrehumana do espírito. Para ele só tem sentido
uma luta que abranja toda a complexidade destes aspectos distintos. Codreanu é consciente
disso e nos reitera nas páginas deste "Diário":

"A característica do nosso tempo é que estamos nos preocupando com a luta entre nos e outros homens, não com a luta entre os mandamentos do Espírito Santo e os desejos do nosso ser terrestre.

Estamos nos preocupando e gostamos da s vitórias sobre os homens, não das vitórias contra o Diabo e o pecado.

Todos os grandes homens do mundo de ontem e de hoje: (...) estão preocupados muito mais por estes tipos de vitória. O Movimento Legionário faz uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação.

A responsabilidade de um dirigente é muito grande. Ele não deve deleitar os olhos de seus exércitos com vitórias terrestres, não preparando-os ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual o espírito de cada um possa coroar-se da vitória eterna ou da derrota eterna". (14)

Esta perspectiva transcende o combate terrestre, se vê iluminada com maior força ainda pela afirmação de que "a ressurreição dos mortos é o fim mais alto e sublime que pode ter uma raça, a qual, por consequência, é uma entidade que prolonga sua vida mais além da terra. À estirpe romena como à qualquer outra raça do mundo, Deus tem-lhe dado uma missão e tem-lhe mostrado um destino histórico. A primeira lei que uma raça deve seguir é aquela de caminhar sobre a linha deste destino, compreender a missão que lhe foi conflada". (15)

Corneliu Codreanu intuiu esta missão e consagrou sua vida para que sua Pátria fosse fiel ao destino histórico que Deus lhe mostrou. Consciente de que o empreendimento superava as forças humanas, confiou-o à custódia militante do Arcanjo São Miguel, guerrei ro vitorioso sobre as forças do mal. Por ele, e porque acreditamos que o martírio é gerador de forças misteriosas, capazes de mudar o rumo da história, afirmamos que é viva e válida a esperança do Capitão, embora no mundo as trevas parecem ganhar terreno cada dia.

Alberto Escurra Julho de 1974

⁽¹⁴⁾ Diário, 4ª feira, 15 de junho

⁽¹⁵⁾ Guardia de Hierro, pág. 370 e 371.

3a. feira, 19 de abril.

São 9 h. da noite Conduzido por um capitão de gendarmes e por um suboficial, desço as escadas do Conselho de Guerra.

Fora, o carro da polícia. Cada vez que vejo esta viatura, sinto uma amargura no coração.

Abre-se a porta e subo. Dentro está escuro. Distingo a sombra de quatro soldados. "Carre - gar armas", escuto o comando do suboficial.Par timos. Passamos por ruas iluminadas. A um certo momento estou me dando conta de que me encontro em cima da ponte de Izvor, na altura da casa do Sr. General, onde, até poucos dias, tinha sido a nossa sede. E voltará a ser ainda, com a ajuda de Deus.

Viramos à esquerda e depois seguimos reto, ao longo da margem do Dâmbovitza. Estão me levando para Vácaresti, penso eu.E passam as ruas, uma atrãs da outra.

A um certo momento sinto que saimos de Bucarest. Não mais escuto barulho de carruagens, carros e bondes e não mais vejo luzes pelas fres tas da janelinha.

O carro corre na estrada, no desconhecido.

Muito mais tarde é parado por um cordão de sentinelas. "Pare! Quem é ?". Deixem passar; é a polícia". Depois, por um outro cordão. Finalmente paramos. Desço em Jilava, em frente à chancelaria. Aqui é um forte da linha marginal de Bucarest, feito no tempo do Rei Carol 1º, de pois da guerra de 1877. Agora é prisão militar.

Aqui foram torturados Motza, Marin, Ciume ti, o Sr. General e centenas dos nossos, em 1933-1934. Entramos na chancelaria. Após algum tem-, o chega o major comandante da prisão e dois ticiais da companhia encarregada da guarda.

Recebem instruções pelo telefone.

O capitão e o suboficial de gendarmes sa en, despedindo-se de mim, lamentando.Duas al mas nobres, que são uma exceção neste corpo dos gendarmes.

O major me pede a gravata. Depois o dinheiro, 1000 lei; estao me revistando os bol nos. Horroroso. Mas assim manda o regulamento. Parto com o tenente Mastacan, enquadrado por quatro sentinelas de baioneta calada.

Estou cansado.

Entramos no torte. Lá passamos por várias passagens com muitas curvas e compridas, to das escuras. Me vem de encontro um cheiro frio e úmido de mofo.

Fui introduzido num lugar abobadado, de aproximadamente 6 metros de comprinento por 4 metros de largura.

De um lado e de outro umas taboas assentadas em suportes de madeira, formam duas camas comuns, grandes. Uma janela com grades de ferro da para uma parede do forte, a uns 10 metros. Em cima desta abobada ha uns quatro metros de terra. As paredes externas têm uma grossura de 1.5m. No chão, asfalto.

Se fora encontrasse um homem que quisesse dormir, somente meia hora, numa destas abo badas, o impediria dizendo-lhe: "Não experi mente, está se matando".

O suboficial trouxe-me uma esteira e dois cobertores grossos. Colocou-os em cima das taboas. Nada para encostar a cabeça. tenente repara que é algo que falta da la selementar humanidade. Sente-se envergo nitado e se desculpa por ser este o regime. Pergunta-me se não tenho um bone para cabeça, pois vou sentir frio. De onde la ter?

Disse-me algumas palavras boas e saiu, tran cando a porta com cadeado. De baixo, de cima, das paredes grossas, de todo lugar flexas frias de umidade penetram no meu corpo. Parece que estas paredes estranhas, onde não se encontra nada familiar e não se vê qualquer pessoa amiga, estas paredes hostis, só esperam uma vida humana, para digerí-la, en viando suas milhares de flexas, como verdadeiros raios da morte, sobre o pobre condenado.

Deitei-me; uma noite comprida.

Pascoa, 1938 - 24 de abril

A umidade penetra nos meus ossos.

Respiro um ar de adega. Sinto o pulmão pe netrado por agulhas, por balas.

Deito-me na cama de taboas. Doem-me os os sos. Fico cinco minutos de um lado, cinco minutos do outro.

Viro do lado esquerdo. Estou escutando o coração batendo. Ou pingan gotas de sangue dele?

Está escorrendo a vida do corpo cansado.

Oh, país! Como Você recompensa seus fi-

Peguei no sono. Estou sonhando com Mamãe e Elvira Gârneatzã. Elvira me deu para beber u ma caneca grande de água. Mamãe me disse: Es tamos passando muito mal. Mudei para cã". (Es tava numa aldeia das margens da cidade de Husi, do lado do Rio Prut).

Eu lhe falei: "Vou até em cima da colina, com Nicoleta e Horodniceanu e quando voltar, vou deixar-te algum dinheiro e não precisas te preocupar".

*

Tenho medo que algo possa lhe acontecer.

Ficou sozinha de novo. Um genro morto na Espanha, uma filha que ficou com duas crianças órfas de pai. Eu na prisão. Outros quatro filhos, eles também presos ou prestes a serem presos. Atras de um deles ficaram quatro filhos sem um pedaço de pão.

Meu pai saiu de casa para ir a Bucarest, para receber a pensão antes das festas de Pás coa e não voltou mais. Foi arrestado e levado para um lugar desconhecido.

Ninguem sabe do seu destino.

Em casa, para Pascoa, a mae está nos esperando a todos, para passar as festas comela. São tão poucas as alegrias de uma mãe velhinha, raramente e somente quando reune seus filhos.

Nossa casa, para a Pascoa, esta vazia.Nin guem dos esperados. Nenhuma alma ao lado da mãe. Os estranhos, todos a evitam e, por medo, não mais entram na casa dela.

Palpita um coração sozinho e está nos esperando a todos pelas prisões, correndo atrás de cada um pelas nossas celas para encontrar nos. Para consolar-nos, para abraçar os nossos amargurados corpos.

Mas aonde, quando ninguem diz alguma coisa e não recebe qualquer notícia?

Oh, mae, que choras sozinha pelos cantos da casa e que ninguem te vê, saibas que mós choramos por ti, neste dia de Páscoa, cada um em nossas celas.

*

Ontem, sabado, pedi que me mandassem um barbeiro para me fazer a barba; tinha crescito irregularmente numa semana, na face gelada. Veio o barbeiro da prisao, um pobre ciga no condenado. Faz-me a barba e lavei o rosto pela primeira vez esta semana.

Espero a Ressurreição do Senhor.

Vou pedi uma vela ao suboficial. Aqui não hã onde comprar, mas talvez teria alguma a matis em sua casa.

Os dois oficiais, o tenente Mastacan e o tenente ... vieram também para fazer o seu ser viço antes do toque de recolher. Especialmente porque na acomodação para onde fui trazido desde ontem não está funcionando a lâmpada.

Que infelicidade! Está me passando pela mente que sería um mau sinal.Pela primeira vez na vida terei que passar a Ressurreição sem luz. No escuro. Sozinho.

Mas os oficiais e o suboficial ... apos várias tentativas acenderam a luz.

Trouxeram-me, também, uma pequena vela de cera, que me deram com especial boa vontade.

Eles, nos poucos minutos de visita regula mentar, duas ou três vezes por dia, não falam comigo.

Nem eles têm o que me dizer, nem eu lhes pergunto qualquer coisa. As suas únicas palavras são: "Precisa alguma coisa?" as quais eu respondo sempre "Não".

Mas, sinto nos seus olhos que eles entendem toda minha tragédia espiritual. Dão-se con ta da importância da minha culpa e da responsabilidade de dirigir um movimento de mais de milhão de almas, no qual está se jogando o des tino de uma nação, assim como das dores que es tão passando pelo meu coração, por aqueles da minha casa e por cada um das centenas e mesmo milhares de legionários, que neste momento es tão aceitando os mesmos duros sofrimentos.

Compreendem, também, a situação humilhante em que fui jonado. Pois, a privação da liberdade é uma corsa e o que se passa comigo, aqui é humilhação, é degradação, até o maximo do ser humano.

O que não compreendem, talvez, são as maquinações e todos os planos diabólicos que es tão sendo preparados para minha destruição e do meu Movimento.

Procura-se, a qualquer preço, alguma coisa, para se arrancar uma condenação grande.Ou a reabertura, de alguma forma do processo Duca, ou o meu envolvimento no processo Stelescu, ou a qualificação do Movimento, até agora, de anárquico e terrorista e a tentativa de uma condenação por este motivo. Uma condena ção se obtem fácil por ordem.

No entanto, a opinião pública poderá julgar com a sua consciência, a nossa inocência. E o nosso sacrifício se elevará até o ceu, e Deus, o supremo Juiz, nos escutará também a nos.

Estou com a alma carregada de injustiças.

 \star

Deitei de novo na cama de táboas. Estou es perando bater 11 horas da noite, quando o povo começa a partir para as igrejas. Estou me cobrindo com o sobretudo. Não posso me deitar de costas, porque me doi, mas não sei porque, não posso entender: a coluna ou os rins?

Pelas frestas entre as taboas, pela estei ra e pelo cobertor, vem uma corrente de ar frio do chão cimentado, que passa também pela roupa e atinge as costas enfraquecidas.

Viro para o lado direito e puxo os joelhos até a boca. Doêm-me às cadeiras. Tenho a im pressão que sou todo pus. Não posso ficar de um lado mais que cinco minutos. De outro lado doi do mesmo jeito.

Estou pensando na "filha da mamãe" (Catalina). Como estará ela dormindo com os dedinhos na boca e sonhando com Papai Noel, que lhe traz brinquedos?

Nas festas de Natal dormiamos com ela na cama. De repente a escutei gritando no sono. Despertei-a: "que é que houve filhinha?". Pa pai Noel caiu de cima da casa com um saco de brinquedos". Um anjo inocente que não sabe todas as nossas dores. Completará apenas 4 anos.

Seriam II horas.Levanto-me,me lavo, visto o sobretudo. Sento na beira da cama e olho o deserto ao meu redor.

Estou sozinho.

Estou me lembrando: festejei a Páscoa na prisão en mais outras duas ocasiões. Em 1925 em Focşani e em 1929 em Galata.

Nunca porem estive tão triste, sentindo tanta dor e cheio de tantos pensamentos.

Tomo o livro de preces e começo a ler. Ro go a Deus por todos. Pela minha esposa, com tantas dificuldades e cheia de dor, pela minha mãe, que outra vez deve ter recebido visita dos comissários de polícia de Huşi e a tenham maltratado, procurando por meu pai, que deve estar em, quem sabe, que cela, nesta noi te; pelos meus irmãos, também.

Depois para os combatences legionários, velhos e moços, estes herris e mártires da fé legionária, levados de suas casas para quem sabe que prisões.

Quanta tristeza e quantas lágrimas ..ao ha veriam agora em centenas de familías romenas.

Rogo depois por todos os mortos. Avos e parentes, assim como amigos que em vida me ama ram e me ajudaram.

Vejo todos, um a um. Eis o Senhor Hrestache... e, por último, me aparece Ciumet , com o grupo de legionários mártires caídos no seu tempo.

Na frente deles, grande, vejo sua f gura como numa tela... velho, velho há meio milênio, com cabelos longos e com a corca na caeça, Estevão, Senhor da Moldávia. Rogo por ele. Ele me ajudou em tantas e tan tas lutas.

Eis o nosso General, o herói legendário, com a sua série de mártires legionários, com aque les caídos nas últimas lutas.

Ei-lo, ao lado do General, de camisa yerde e com cinturão, Marin, o heroi dos campos espanhois.

Motza , irmão querido Motza, parte-me o co ração quando te vejo. Partimos nos dois juntos, eramos quasi crianças, ha 15 anos, para esta luta. Vejo-te agil e temerário. Enfrentando as adversidades. Penetrando com teus olhos de aço o coração dos inimigos.

Vejo-te mais tarde, encoberto de dificulda des e pobreza, num País em que, mesmo para lon Motza não se encontrava pão. Para conseguir este pobre pão, na Romênia, toda sua inteligência não era suficiente; era-lhe neces sário também um coração de traidor.

Vejo-te trabalhando desesperadamente.Vejo-te obtendo sucessos brilhantes nos exames, na imprensa, nos tribunais, na catedra.

Vejo-te arrastado para a prisão. Humilha do e cheio de amargura. Vejo teus ombros caídos e a alma enlutada de tantos ataques perfidos. Vejo-te tremendo e chorando por mim.

Vejo-te partindo para a morte.Para dar a esta Estirpe a prova suprema. Para nos liber tar, a nos, pela tua morte.Para abrir com teu peito esfacelado, com tuas pernas quebradas o caminho da vitoria de uma geração.

E, olha agora para nos, querido Motza.Eu estou jogado como um cão aqui... em cima des

tas táboas. Sinto os ossos doloridos e meus Joelhos tremem de frio.

Todos os nossos, toda a flor desta Romênia, está caída, deitada em, quem sabe, que prisões.

Senhor, rogo~te nesta noite da Ressurrei ção, recebe meu sacrifício.

Tome a minha vida. Pois a ti, oh, País: não te são necessárias nossas forças, tu quer res nossa morte.

Teria passado da meia-noite. Talvez seja uma da madrugada.

Não escutei os sinos tocando a Ressureirção.

Acendo a vela e digo: "Cristo Ressusci-

O povo, nas aldeias e nas cidades, volta para casa com as velas acesas. Todos os nossos, as nossas famílias, choram esta noite.

*

Abri uma lata de sardinhas e comi uma de las. Desde 2a. feira a noite não comi mais.

Bebi meia caneca d'água.

Encolhido em cima da esteira, peguei no sono...

4a. feira, 27 de abril

Passaram, também,os três dias de Páscoa.

Ninguem dos meus conhecidos veio para no visitar: certamente, não receberam a devida permissão, ou, talviz, eles também estejam presos em algum lugar.

O tempo passa commuita dificuldade quando se está so. Nesta abobada so entra um ho mem três vezes por dia, um minuto de cada vez: de manha, na abertura, ao meio dia quan do me trazem a comida da prisão, e à noite.

O sol penetra neste buraco somente alguns minutos, às 5 horas da tarde, e, nesse instante, somente num canto da janela.

Passo o tempo sentado, encolhido na bei ra da cama, escrevendo de vez enquando estas linhas, em papel de embrulho.

Aqui não há mesa, nem cadeira. Uma ponta de lapis, esquecida num bolso, está no fim. Com dificuldade a seguro entre os dedos. O restante do tempo passo deitado em baixo do cobertor.

Mas esta umidade passa também pelo cobertor e pela roupa. Há uma semana que estou aqui; não tirei a roupa do meu corpo, nem fui levado para fora, ao sol, nem uma meia hora, para me esquentar.

Ontem veio o major médico, Dr. Holban. Um homem admirável. O mesmo que cuidou dos nossos em 1933. Conhece todos.

Embora não queira me queixar à qualquer pessoa nem pedir qualquer coisa, disse-lhe que estava sentindo dores na coluna, em baixo e nos ombros. Respondeu-me, rindo amigávelmente: "Isto se chama "prisioneirite" e não tem qualquer tratamento".

Esta noite sonhei com Motza, que me falou: "Me liberaram, eles também estão enver gonhados. Agora vou partir para Craiova". Saiu, subiu num taxi e partiu.

Vi, depois, o Sr. General. Estava vestin do a camisa verde, com a qual tinha partido para a Espanha. Tinha chegado a mim com meu pai, o Coronel Zavoianu e Garneatza. Dava gar galhadas por que me encontrou sem roupas.

Ŕ

Penso sempre onde estariam os outros.Se ra que suas famílias os encontraram? Estari am espalhados em diversas prisões pelo País? Ou concentrados em um campo? A quem perguntar? Ninguem fornece qualquer informação.

Nos jornais nem ao menos foi comunicada a prisão deles. Nada. A única coisa que se sabe é que na mesma noite que levarama mim, foram levados eles também e conduzidos ao Liceu Mihai Viteazul.onde foram quardados por um dia. Depois colocados em carros e levados em direção desconhecida. Entre eles se encontram: meu pai, Coronel Zavoianu, Polih roniade, Simulescu, Vasile Cristescu, Radu Budisteanu, Vergatti, Alexandru Cantacuzino. Cotiga e quatro padres: Prof. Univ. Pe. Cristescu, Pe. Dumineca lonescu, Pe.Georges cu-Edinett, e Pe. Andrei Mihailescu, que não tem outra culpa de que aquela de ser paroco da igreja a qual pertence a nossa sede. Ele não foi inscrito no Movimento Legionario.as sim como não o é o Pe. Georgescu-Edineti, pa roco da igreja dos estudantes.

Suponho que o número deles, dos que foram levados em Bucarest, passa de 100, professores, advogados, médicos, engenheiros: a flor da intelectualidade romena.

Nenhum deles tem qualquer culpa. Estão sendo presos e levados sem ordens de prisão do juiz, fora da lei, por cima da lei, contra riamente a quaisquer princípios de humanidade.

*

Tanto foram invadidas as pobres casas dos legionários, que para restabelecer a justica, na futura Romênia legionária, o nome de legionário deve se tornar sacro. Nenhuma forca pública deverá poder entrar em sua casa.

Em caso de algum delito, somente o seu chefe hierarquico poderá penetrar em sua casa ou dispor a sua prisão.

E um direito à reparação que é indiscutí vel, que merecem os portadores deste nome tão enxovalhado, pisado e injustiçado hoje.

6a. feira, 29 de abril

Oh, Deus, que longo é o dia.

Domingo, 19 de maio

Ontem, pela primeira vez, fui levado para fora desta cova.

Os meus pes se atrapalhavam.

Entre quatro soldados, com as baionetas caladas, fui levado até a chancelaria.Lá es tava me esperando o Cap, Promotor Atanasiu.

Fiquei amedrontado. Pois não mais confio na justiça.

A justiça que julga conforme a "ordem"e não conforme a consciência, não existe.

Interrogou-me demoradamente. Desde às 6 horas da noite até as duas da madrugada.

Ao lado, num quarto vizinho, escutavamse vozes de crianças e vida de família.

Tive a impressão que nunca mais viverei tais dias. E aquelas vozes de crianças lembravam-me de Catalina, "filha da mamãe". Pa recia que fosse uma despedida que o mundo preparou para um, que nunca mais voltará para ela.

E o capitão me perguntava ininterruptamente. As suas perguntas giravam em redor dos seguintes pontos:

O Partido "Tudo pelo País" ("Totul pentru Țară") é a ex-guarda de ferro dissolvida? Os juramentos dos legionários, o significado da palavra "Capitão". O juiz legionário se sobrepõe ao juiz do Estado?

As ordens secretas do Ministério, referentes à campanha eleitoral e as medidas contra minha organização.

Qual era a finalidade do corpo dos exmilitares? E do corpo Motza-Marin?

Apologia do crime, com distinção e com a cruz branca concedida aos rapazes presos.

A associação secreta. Associação "Anigos dos Legionários".

E nesta ordem o caso Duca. Se não teria sido eu, o racaso, quen ordenou o 'seu assassinato Entap parecia da tendência de reabertura desse processo, co qual fui absolvido por unanimidade, como a melhor prova da nossa inocência, a minha, do Sr. General e dos outros camaradas.

O Senado da Legia coregulamento preparado pelo Sr. General que daría à organização um caráter para-militar.

Mas aqui não se trata de qualquer processo em que se fosse julgado humanamente, mas de uma persequição carente de justiça, de legalidade e de humanidade: no qual somente Deus pode ainda intervir com Suas for ças.

As 2 h. da madrugada volto,entre as mesmas baionetas, **ao l**ugar de descanso.

E sentirei saudade da "filha de mamãe". No caminho, na volta, outra vez pensava que nunca mais sairei daqui. Senti de repente uma grande saudade da filhinha. E andanço entre as sentinelas, murmurava: "e sentirei saudade da "filha da mamãe". E sentirei saudade da "filha da mamãe".

Esta encolhendo o meu coração de dor.

Hoje, 2a. feira, 2 de maio, voltou. E o interrogatório acabou.

5a. feira, 5 de maio -

Estou ainda aqui, nesta triste cela.

Estou sózinho, hora após hora, e dia após dia.

Não vejo rosto de ser humano, senão na hora que me trazem alguma comida.

De casa não veio mais ninguem, por que não mais foi permitido.

Ouvi que numa outra ala, pior do que eu, está meu pobre irmão Horia. Amanha começa o julgamento do processo dele. Que Deus o aju de. Rogo por ele. Ele não pertence ao nosso Movimento e não sei por quais motivos foi preso.

Pelas 4 das tarde veio o sub-oficial en carregado do encarceramento, registrou-menos livros da prisão, na qualidade de condenado a 6 mesos, informando-me que serei liberado em 15 de outubro.

Que bom seria se não fossem as maquinacoes que estão sendo preparadas, mas espero que Deus as dissolva, com a sua luz vitorio sa.

×

Também hoje, 5 de maio, tive a primeira alegria, ou melhor a segunda, pois a primeira foi quando me foi entregue a mala nos primeiros dias.

Entregaram-me um pacotinho, recebido de casa, contendo presunto, peixe frito, dois saquinhos de queijo "Lica" e dois paes brancos, frescos.

Também um boné de pele de carneiro, um casaco de pele de carneiro com mangas, dois

pares de meias de la e uns chinelos.Alegrei me: um sinal dos meus.

Não pude vêrlos, mas o sinal estã me aquecendo o coração.

"Cojocul" (o casaco de pele de carnei - ro) me protegerá contra o frio. Até agora, em 15 dias, acho que não comi mais do que um pão neste tempo todo. Dormi vestido.Não fui levado para fora nem 5 minutos por dia. Fui atacado pelas pulgas e os piolhos que me picam a noite toda.

Domingo, 8 de maio.

Ontem a noite veio o juiz de instrução do processo, Major Dan Pascu e me comunicou que serei julgado por "traição". Fiquei atônito. Depois explicou-me que eu era acusado de ter guardado e de ter publicado atos secretos, de interesse da Segurança do Estado e que isso se enquadrava no artigo 191 do Código Penal sob o título de "Traição".

Interrogou-me sobre as seis ordens,emi tidas pelos prefeitos de Distritos (Judet) ou por Comandantes de Legiões de gendarmes para seus subalternos, todas elas referindo-se a chicanas políticas - eleitorais dirigidas contra minha organização. Nenhuma destas ordens são de interesse do Estado Romeno.

Uma destas ordens é do prefeito do Distrito de Prahova, endereçada aos diretores de indústrias, judeus do Vale do Prahova, pedindo-lhes demitir os legionários.Outra, do General Bengliu, interessando ao corpo

da Gendarmería, que me foi trazida por alguem dos círculos nacional-camponezes, do Corso ou do Athené Palace Hotel.

Voltei de novo a minha cela, com o coração espetado por flechas.

Eu, o chefe do Movimento Nacionalista-Le gionario, ser julgado por traição.

Não comi mais nada. Peguei no sono muito tarde, na minha cama de táboas de madeira e me revirei a noite toda. De manhã, despertei gritando no sono: "Escuta, caro Motza, serei julgado por traição!"

dr :

Deus, Deus, que longo é o dia.

Horas a fio e dias inteiros não troco uma palavra com quem quer que seja.

Que será que estão fazendo à minha esposa e filha? Escutei que estão presas guarda das na Casa Verde. Não posso imaginar por que. Talvez para não virem me visitar.

E o meu pobre pai em que campo estaria? Teria chegado alguem até ele para levar-lhe alguma coisa para comer e para se cobrir? Não sei de nada.

E a pobre mãe, como suportaria este novo peso? Pois nossa casa pacata, escondida sob as árvores de damasco florido, desde 1922 para ca é só um campo de buscas domiciliares a meia noite e de tristezas. Passar aflita de quarto em quarto sem encontrar ninguem dos seus, sem saber do destino deles, en-

quanto seu coração de mãe lhe diz que eles se encontram nos mais pesados sofrimentos, que as suas vidas lhes são cheias de choro e suspiros.

Vejo como leva as duas mãos para cobrir o rosto e chora. E sinto como está partido o seu coração.

beus, Deus, tantas dores em nossa casa! Há tantos anos!

2a. feira, 9 de maio.

hoje veio de novo o major Dan Pascu. Fui levado de novo, entre as baionetas, até em cima, na chancelaria.

Quando fui para fora e senti o sol, o ar e o calor, senti um alívio.Parecia que, por entre as baionetas que me levavam, o ceu estava me bendizendo.

O major informou-me que a instrução do processo acabou. Que devo escolher os advo gados de defesa. Quem iria me defender? Quando todos os nossos advogados estão pre sos, sei eu quem aceitara me defender? Fiquei de pensar até 5a. feira. Foi-me dito que foi publicado nos jornais o ato de acusação do Capitão Atanasiu. Que teriam dito os rapazes, todos meus amigos e parentes, quando leram isso? Como devem ter chorado, a minha mãe e minha pobre esposa! Julgado por traição !...

Voltei para essa cova cheio de frio e fi quei pensando. Não tenho qualquer pessoa pa ra me aconselhar. As infelizes ordens dos gendarmes e da polícia com caráter político, afetamelas a ideia de Segurança do Estado? Enquadram-se naqueles artigos terríveis 190, 191 do Código Penal, que prevem entre 5 e 25 anos de trabalho forçado? Fico, e me inquieto sozinho.

Pedirei papel, farei um requerimento ao comandante da prisão para que permita a mi nha esposa me ver em vista da preparação da minha defesa. Mas como vir se está vigiada em casa? Ela também deve estar inquieta. De ve se preocupar sozinha com a pobrezinha lha da mamae". Nenhuma esperança de auxíli o de qualquer lugar. Um único apoio: Deus e Nossa Senhora, Mae de Deus.

3a. feira, 10 de maio

Desde que estou aqui nesta situação di ficil, não aborreci quem quer que fosse, com qualquer pedido. Hoje enviei o seguinte re querimento ao senhor comandante da prisão.

Senhor Comandante,

"O abaixo assinado, Corneliu Codreanu, na qualidade de preso, pede respeitosamente a V.Sa. que tenha a boa vontade de encaminhar o meu pedido as autoridades militares de direito, para deferimento.

Tendo acabado a fase de instrução e tendo se iniciado a ação pública, com base no art. 191 do C.P., peço que seja permiti do à minha esposa me visitar, sendo-me ur gentemente necessária esta visita, para pre paração do meu processo, nomeação dos advo

gados, etc., tendo em vista que este proces so deverá ser julgado em conformidade com os critérios de procedimento rápido do Código Penal.

Em consequência disso, pelas necessidades da minha defesa, peço que permita a minha esposa vir a mim.

Ao mesmo tempo peço a V.Sa. que permita o envio do seguinte telegrama endereçado a minha esposa.

Peço que V.Sa. receba os protestos do meu profundo respeito.

3a. feira, 10 de maio de 1938.

Corneliu Zelea Codreanu

6a. feira, 13 de maio

Ontem veio novamente o major Dan Pascu. Deveria ser cumprida a última formalidade para conclusão da instrução do processo.

Mas, para minha surpresa, foi iniciada ação pública contra mim, por dois deli tos:

- Armei cidadãos do país, procurando pro vocar revolução social na Romênia.
- Tenho-me colocado em contato com um Estado estrangeiro, para provocar revolução social na Romênia.

Bem entendido que nemhuma destas acusações contem a menor parcela de verdade.

Que terrivel é se agitar sob acusações injustas! Deus vê tudo isso.

Fala-se que 2a. feira será feita a última formalidade da instrução e será fixa da a data do julgamento.

Estou esperando agora o Domingo. Talvez venha alguem dos meus a mim.

Ouvi que o meu irmão Horia foi condenado à um mês de prisão e está também incomunicável, numa situação pior que a minha. Que está muito fraco. Parte-me o coração de dor por ele. Rogo a Deus que aju de à ele também.

Ontem à noite tive um visitante. Quando vie ram me trazer a comida, enfiou-se por entre as pernas do suboficial um cachorro. Depois de me trancarem de novo, ele salu de baixo da cama.

Comeu comigo: Dei-lhe do que tinha e ficou satisfeito.

Falei com ele e se deitou no chão de cimento. Estiquei-me, eu também na minha esteira. Chamei-o para subir. Subiu e se deitou ao meu lado, após ter-me lambido a mão. Seria um sinal de sorte para mim.

Ficou quetinho. Sentia ao meu lado o sôpro de um ser.

Pela meia noite quis sair para fora.Le vantei-o e saiu pelas grades da janela.

Domingo, 15 de maio

Passou o Domingo também e ninguem veio a mim.

Me altreco me induseram de casa uma so pa quen e o- galinha numa garrafa termica, assado e pao branco. Talvez os trouxeram minha mão e minha esposa. Que se passaria na alma e na cabeça delas?

Experimentei alguras colheres da sopa quente, mas a fraqueza do corpo e as dores da alma não me permitem comer.

Assim sinto secar em mim, hora após hora, a minha carne. Cresce porém em mim a fé em Deus. Faco es minhas preces todo día à N.S. Mãe de Deus a Stº Antônio de Pádua, pelos milagres de quem, escapei em 1934.

Nestes omentos de tormenta são o meu único alívio.

2a. feira, 16 de ma o

Moje de manhã veio o major Dan Pascu e, por fim, acabou o calvário da instrução.

A cada momento espero que apresentem quem sabe que mais outros documentos falsos e que acusações me jogam nos meus ombros enfraquecidos.

Foi-me dito que estes dias permitirão à minha mão e a minha esposa virom me visi tar, para que possa preparar minha defesa.

Penso: que irão dizer quandovirem quan to estou magro? Como vão chorar?

E vão compreender os sofrimentos físicos e especialmente norais aos quais fui submetido?

Depois me deixar m ficar uma hora no pateo. Está tão quer e la fora...Passe al guns minutos, mas o sol amoleceu todos os meus ossos e não mais fui capaz de ficarem pe.

Sentei numa esteira e fiz uma prece, de pois da qual me deitei e fiquei assim ate passar aquela hora.

Agora estou de novo dentro. Que frio e quanta umidade.

Estou me sentindo muito fraco.

Agora é noite. Parece-me que passou tan to tempo desde hoje de manha! Não há pessoa alguma com quem trocar uma palavra.

Um pardal construiu seu ninho no caixão da janela. Volta ele também para dormir. Dou-lhe sempre migalhas de pão.

Estou esperando que venham com a comida. Mas nem com eles me é permitido falar.

Vêm sempre o tenente que está em serviço e o sub-oficial. Não lhes é permitido con
versar comigo. No entanto, tanto eles, como o comandante da prisão me tratam com
tanta delicadeza que para mim é um alívio.
O militar, coitado, esta criatura superior,
que cumpre corretamente o seu dever, execu
tando exatamente as ordens recebidas, mas
em cujo olhar não se encontra nenhum impul
so e nenhuma maldade. Elegância de espírito. A escola do exercito romeno.

Que bonita ela é!

3a. feira, 17 de maio

Hoje às 10h, entrou o tenente e me dis se: "Vamos para cima, veio a sua familia". Calcei rapidamente os sapatos e partí, desta vez so entre duas sentinelas, procurando fortalecer as minhas pernas enfraque cidas e pensando em aparecer mais forte.

Quando cheguei em cima, saiu à minha frente " a filha da mamãe". Tomei-a nos meus braços e beijei seu rosto e seusolhos, apertando-a ao meu coração.

La estavam minha mãe e minha esposa. Abraçaram-me as duas e começaram a chorar. coi tada de minha mãe, tinha as mãos geladas.

15 minutos se passaram num segundo.

Perguntei sobre meu Pai.

Ele está preso no campo de concentração de Miercurea Ciuc. Ninguem pode mais vê-lo.

Os outros três irmãos estão livres, exceto Horia, condenado a um mês de prisão.

Não sei mais o que falamos.Lizeta Gheorghiu mostrou-me a lista das testemunhas e dos advogados. Disseram-me que amanha serei levado ao conselho de guerra.

Despedi-me com o coração despedaçado.

Doe-me a dor deles.

6a.feira, 27 de maio

Ha uma semana, às 4 horas da madrugada fui despertado e levado ao Conselho de Guer ra, para estudar as pastas do processo. La fiquei acomodado mais humanamente, num quar to com cama.

Tive cortato com os advogados todos os dias.

6a.feira, Sábado e Domingo foi preciso estudar 20 pastas de laudos; coisa incrivel.

Três dias para procurar encontrar contraprovas: livros, jornais, debates parlamentares, publicações estrangeiras. Juntar material, ordens, instruções, circulares, documentos espalhados, quem sabe por onde. E isso tanto mais dificil quanto todos os seus, todos que trabalharam com você estão presos ou internados em campos de concentração, ou escondidos para não serem presos também. Correram os coitados rapazes, jo vens advogados legionários, como as abelhas nesses três dias.

Os grandes advogados, todos recusaram me defender, Radu Rosetti, Vasiliu-Cluj, Paul Iliescu, Mora, até mesmo Nelu Ionescu, Petrache Pogonat, Ionel Teodoreanu, por me do de serem internados em Campos de Concen tração. Medo e covardia.

Por esta razão expresso toda minha admiração para com os advogados: Hentzescu, Radovici, Ranetescu, Paul Jacobescu, Lizeta Gheorghiu, Caracas, Horia Cosmovici, Zam firescu, Coltzescu - Cluj... e para toda esta juventude heróica, que enfrentou a tempestade.

2a. feira de manha foi aberta a primei ra sessão. O Tribunal Militar estava composto pelo Presidente da la. Seção, Coronel Dumitru e quatro oficiais ativos.

Foi lida a lista das testemunhas; faltavam todos aqueles que estavam nos campos de concentração, ou seja, os homens com os quais tinha trabalhado, as testemunhas de fato. Foi solicitado o adiamento e que sejam trazidas essas testemunhas.

O Tribunal rejeitou a solicitação da defesa.

Foi lida a ordem definitiva.

Cheia de paixões, de maldade e de inverdades. Afirmações gratuitas, totalmente sem comprovação, carentes de boa fe, de correção e destituida de honra.

Depois do almoço, das 5h. até a meia noite, falei eu, durante 7 horas initerrup tamente, desfazendo uma após a outra todas as acusações que me eram feitas.

No dia seguinte apareceu no jornal"UNI VERSUL", palavra por palavra, tudo que falei, fora a sessão secreta e a questão sobre os depositos de armas, que, por ter-se envergonhado, a censura as proibiu.

3a.feira, fui interrogado pelo Promotor, a quem respondi ponto por ponto.Em resumo, fui levado ante o Juiz por traição, artigos 190, 191, posse e publicação de atos secretos, de interesse da Segurança do Estado, baseando-se em 6 ordens da polícia e da gendarmeria de natureza eleitoral; pelo artigo 209, relações com uma potência estran geira, para receber instruções e ajuda, com a finalidade de desencadear a revolução so cial na Romênia (baseando-se em uma carta falsa, que não me pertencia, que nunca na vida tinha visto); pelo artigo 210, armar a população, para declarar a guerra civil, sem fundamento nenhum.

No último momento, isto é, 10 minutos antes de ser dada a palavra ao Promotor,

por um verdadeiro milagre de Deus, se descobriu o autor da carta, pela qual era eu acusado. Um advogado, Marinescu de Ramnicul Valcea, lendo a carta, viu que ela con tinha duas ideias : 1 - A ideia de "economia automática" e "enriquecimento mutuo", palavras, definições e pensamentos que nun ca me pertenceram; 2 - A ideia de uma "aliança econômica".

Lembrou-se que tinha lido em algum lugar tais coisas. Partiu para Râmnicul Valcea e realmente, achou o livro recebido com a dedicação manuscrita do autor. Na capa se encotram sob o título as palavras: "Econômia automática", e no seu contendo, em varias páginas, explica este novo sistema econômico.

No fim do livro, em umas 20 paginas, de poe sobre uma outra idéia: "aliança economica", um crédito internacional, um "oficio internacional", etc. e, como último por nossa sorte, a caligrafia, da dedicatória, é a mesma caligrafia da carta pela qual eu era acusado.

Todos os advogados se comovem na frente deste milagre e pedem ao Presidente do Tribunal que seja chamado o autor do livro como testemunha, Sr. Rãdulescu-Thanir.

O Presidente rejeita o pedido.

Uma parte dos advogados vão procurar es te senhor. Ele reconhece que escreveu tal carta. Vem até a porta do Tribunal, mas é impedido de entrar. Levanto novamente a questão: "Senhor Presidente e Egregio Tribunal, foi descoberto definitivamente o au tor da carta pela qual eu estou sendo acusado. É o Senhor Radulescu Thanir, colaborador no períodico "Neamul Românesc"; não
o conheço pessoalmente. Não sei o mistério
pelo qual esta carta chegou até mim. Ele
reconhece que é dele, que foi ele quem a
escreveu. Chamem-no para dar suas explicações. Tomem as providências que acharem ca
biveis".

O Presidente rejeita o pedido.

Finalmente os meus 7 advogados pro nunciam o discurso final de defesa. Impecavel. É 5a. feira à noite, meia noite quan do o Tribunal entra em recesso para delibe rar.

Sou levado ao quarto e, e, meia hora, para o carro de polícia e conduzido a Jilava.

Estou tranquilo e com a consciência em paz . Sei que não tenho nenhuma culpa.

Nenhuma das acusações que me foram fei tas ficou em pê.

Eis-me de novo em minha cela. Deito-me

Pelas 4h. da madrugada desperto com ba rulho de passos e de fechaduras que se abrem. Levanto-me. Entra o procurador, Major Radu lonescu, o escrivão Tudor, o comandan te da prisão e os outros oficiais da guarda.

O escrivão lê: "O Tribunal Militar respondeu afirmativamente a todas as pergun tas. Está condenado a 10 anos de trabalhos forçados".

Fica mais alguns minutos e olha para mim. O major abre os olhos e levanta os om bros. Partem todos.

Frente a grande injustiça que me golpeia estou tranquilo com a consciência em paz.

Abro ao acaso o livrinho de orações à Santo António. Abre-se na pag.119.Leio:"Fa ça para que receba com tranquilidade qualquer coisa que Deus nos manda, compreenden do que é a sua vontade."

Domingo, 29 de maio

Tenho saudades de Carmen Sylva*. Da pra ia, do mar. No ano passado, nesta época, es tava lá e estava preparando com Totu, a rea bertura do comercio legionário.

Agora estão se reunindo de novo os nego ciantes e a vida recomeça. Enquanto isso em nosso acampamento crescerá o mato e os espinhos que vão cobrir o nosso trabalho.

Onde o ano passado era so movimento e vida, cheia de saúde, de alegria, agora se alastra o deserto. No entanto acredito que a grande multidão que vai lá em todas as férias, se lembrara de mim.

Quando voltei do processo, no dia seguinte, no ninho do pardal da janela haviam nascido os filhotes. O pardalzinho corre o dia todo e lhes traz comida. Olho para ele. Toda vez vem com o bico cheio. Há tanto ba rulho no seu pequenino lar e tanta felicidade...

^{*} Estação balmeária no Mar Negro, no litoral da Romênia.

Notas do Processo.

O tempo todo fui guardado sob uma vigi lância extremamente séria e pouco comum. No lado de fora da porta haviam permanentemen te do's gendarnes de guarda, e no quarto, comigo, um suboficial. Do mesmo modo, o tempo todo e em qualquer lugar, havia um suboficial perto de mim.

As discussões com os defensores, a pre paração da defesa, que em todo mundo foi secreta, fizemos na presença deles e de mais dois agentes de polícia.

Os advogados, para poderem chegar até mim, passavam, começando pelo portão, por quatro cordões de segurança, sendo-lhes fei ta revista corporal em cada um. As salas estavam cheias de agentes, que espionavam os defensores, as testemunhas e os Oficiais.

Sempre que duas pessoas estavam falando qualquer coisa entre si, imediatamente chegava o terceiro: o agente, o espião ... Uma atmosfera supercarregada, abafada, flu tuava entre os muros do Conselho de Guerra e fora dele.

Cada advogado ou cada testemunha espera cada momento ser levado, preso, levado a um campo de concentração.

Foram levados do banco da defesa advogados que naquele momento eram assimilados aos magistrados.

Os advogados: Cel. Radulescu e Vlasto.

Foram presos ainda: Corneliu Georgescu, Stănicel e Popescu Buzău. Os advogados do interior, que se inscreveram por telegrama, tiveram as suas ca sas revistadas na mesma noite e foram avisados que se deixarem a cidade, serão presos e enviados para campo de concentração.

Em fim, com grande dificuldade, puderam obter a autorização para atuarem no processo. No momento em que começou a defe sa não mais foram admitidos. As mesas desta vez estavam vazias.

Além dos sete advogados determinados a falar, os restantes não mais puderam entrar na sala.

Enquanto a acusação final do Promotor, feita por outros e lida por ele, foi publicada imediatamente em edições especiais, por ordem de cima, soba ameaça do fechamento dos jornais e foi lida por extenso no rádio, a palavra da defesa foi escutada pelo Conselho numa sala vazia e foi mencionada só em 3-4 linhas na imprensa.

A defesa foi impecavel.

Horia Cosmovici, Hentzescu, Radovici, Lizeta Gheorghiu, lacobescu, Ranetescu, Ca racas, toda minha admiração para vocês, queridos amigos. Também para todos os outros que não faltaram em estar ao meu lado, que trabalharam, que agitaram e treme ram esperando a justiça.

Na ultima palavra falei:

"Egregio Tribunal, têm em suas mãos não a minha vida, que a dou com alegria, mais a honra de toda a juventude da Romênia. Acredito na Justiça Militar do meu País".

- O Tribunal tinha que responder a três questõés:
- l Posse e publicação de documentos secretos, enquadrada no art. 190-191.

Ora, foi demonstrado até o óbvio, que as ordens, as 6, tinham carater político. Eram simples ordens de acompanhamento por licial, dos membros da minha organização. Que elas não se referiam em qualquer coisa à "Segurança do Estado". Que tais ordens foram lidas no Parlamento, foram publicadas nos jornais, que os homens políticos possuiam tais ordens. Senhor Maniu num so ano, declarou, teve 16, que publicou num me morando.

Em fim, que o art. 190-191 está no capí tulo "Crimes contra a segurança exterior do Estado" e que a palavra "segurança do Estado", do art. 190, refere-se à segurança exterior, que tais ordens não podem ser enqua dradas no crime de "traição".

(I+ 0 Tribunal tinha que responder a se gunda questão:

Fiz contato com um Estado estrangeiro, para receber ajuda e instruções com a finalidade de desencandear a revolução social. Afirmação baseada numa falsa carta que não me pertenceu.

Descobriu-se o autor da carta. São acusações injuriosas e de mã fé. (art.209).

III- O tribunal tinha que responder à crime de armar a população, com a finalidade de fazer guerra civil, golpe de Estado, etc. (art.210). Ora, demonstrei com princípios, com fatos, com documentos e com testemunhas que nunca nos passou pela cabeça em qualquer tem po fazer eclodir uma guerra civil. Mas não só isso: nem provocar a menor pertubação que fosse. O perigo do Leste (o bolchevismo) estando na espreita, esperando qualquer er ro nosso, seguindo-nos todos os passos era suficiente para não pensarmos nisso.

No entanto o Tribunal, sem ter nenhuma prova, nem a menor que fosse, respondeu afirmativamente a todas as questões, conde nando-me a 10 anos de trabalhos forçados.

Uma grande injustiça!

Que Deus receba também o meu sofrimento, pelo bem e para prosperidade do nosso

Dor ao lado de dor, sofrimento ao lado de sofrimento, tumulo ao lado de tumulo, assim venceremos...

6a.feira, 3 de junho

continuação das notas do processo. Cam panha de ódio.

Não sei se jamais houve, na vida pública da Romênia, um homem que tenha sido ata cado com tanta furia, paixão e mã fê pela imprensa toda e por todos os grêmios judeu políticos, como fui eu desde a minha detenção, durante todo o tempo da instrução do processo, em vista da preparação da con denação, perante a opinião pública.

Não houve qualquer outro, durante o passado político romeno, sobre quem se tivesse concentrado tanto ódio. Ninguem recebeu tantos golpes sem ter possibilidade de defesa, sem que alguem o possa defender.

"Buna Vestire" e "Cuvântul" foram abatidos desde a primeira hora, sendo suspensa a sua aparição.

Nae lonescu está também em campo de con centração.

Os outros atacam com firia, alguns por tática, outros por ordem.

Os ataques eram comunicados oficias do Ministério do Interior.

Quem tivesse recusado publica-los ou ousado discutí-los, ou sequer contrariá-los, teria sido fechado.

Destacaram-se pelos seus ataques covardes nos jornais, "Curentul", "Neamul Ro manesc" e"Capitala", respectivamente, Seicaru, lorga e Titeanu.

A CONDENAÇÃO DA IGREJA

Não sei se devia chamar assim o discur so do Patriarca Miron Cristea à juventude, no qual ele condena com palavras pesadas o Movimento Legionário da juventude. A Igreja Ortodoxa toma atitude frontalmente hos til à juventude romena.

Passa por diante dos meus olhos a condenação que a Igreja Católica, pelos seus bispos, jogava sobre o Movimento Nacional da Alemanha, um ou dois anos antes da vito ria de Adolf Hitler. De qualquer maneira, é penoso, é extre mamente penoso!...

Lutar pela Igreja da sua Pátria, nos confins do mundo cristão.

O fogo que está que imando as igrejas da vizinhança, está se alastrando até nos.

Lutamos, sacrificamos, caimos, o sangue escorre dos nossos peitos, para defender as igrejas... e a igreja nos condena como "os perigosos do Povo", como " errantes", como "estranhos ao Povo".

Que tragédia em nossos corações!

Um pequeno exemplo para perceber a nuan ce desta tragedia.

Uma criança que há muito tempo não via seu pai, corre na direção dele para abraça lo. A criança se aproxima, o pai olha fria mente para ela e lhe dá umas palmadas na face e na boca e tira-lhe dois dentes.

Não podem imaginar o abalo psíquico, a tragédia que se passa na pobre alma da cri ança, enfrentando este inesperado golpe.

A decepção, a vergonha, a dor física, a resposta ao mais puro amor, o sofrimento moral, não sei qual é maior, mas todos juntos esmagam um coração de criança.

"A Igreja dos nossos país", "A Igreja dos nossos ancestrais", está nos golpeando.

O Patriarca e também o Primeiro Ministro, em nome do qual está se fazendo tudo, de quem estão nos chegando todo dia tantos sofrimentos.

Deus, Deus, que tragedia! E a que sofrimentos insuportáveis estão submetendo nossa pobre alma. Quanta angustia nos peitos de dezenas de milhares de jovens, camponeses, operarios, estudantes!

Sabado, 4 de junho

Hoje olhei no espelho e vi, pela primeira vez, mais de dez fios brancos na bar ba, brancos como a neve. Também na cabeça.

2a. feira, 6 de junho

De outras cavernas estou escutando to da noite cantando:

"Deus está conosco!

Compreended, oh! Gentes, e inclinat-vos'

E depois, uma apos a outra, todas as canções legionárias. Eles estão juntos, acho, em grupos de 20 em cada comodo. De dia estão livres. Eu não posso vê-los

Ouvi que entre eles estao: Livezeanu, Tzalnaru, Gheorghiescu.

O número deles passa de 100. Estão em proporções iguais, estudantes, operários e camponezes. Estes últimos, do Distrito II-fov, e mais do Distrito Vlasca. Osengenheiros de Brasov. Só isso pude saber porque ninguem de nenhum lugar tem permissão de me comunicar qualquer coisa ou falar comigo.

Agora estou sendo levado para o pateo de manha e de tarde. No início era meia ho ra cada vez, agora passa de uma hora. Reconfortei-me, estou me sentindo melhor, em

bora me incomode uma dor surda na parte in ferior da coluna.

Cada Sa. feira e Domingo vem me visitar a minha mãe, a minha esposa e algumas vezes também os advogados.

Comida tenho bastante e mesmo demais.

Estou esperando a aprovação para um pe queno fogareiro a alcool, para esquentaral guma coisa, ferver uns ovos, preparar um chã.

O dia todo estou sozinho e falo por vez com cada um dos que morreram dentre nos.Ve jo-os como eram quando vivos e ficam ao meu lado. Andam junto comigo pelo quarto, sentam em cima destas taboas.

A maior parte deles passou por esta pri são de Jilava: Motza, Marin, Ciumetti, o Sr. General, o Sr. Hristache.

Sempre estão ao meu lado; quando rezo, eles rezam também comigo.

Agora estou lendo os evangelhos desde o início e apesar do longo tempo, mais de 2000 anos, vejo Nosso Senhor Jesus Cristo, descrito no Evangelho, como fosse a 10 pas sos de mim, vejo-Lhe a vestimenta, vejo co mo anda com um passo na frente dos apostolos, como levanta o braço, como fala com eles, como abençoa o povo. Vejo como caiu e rezou: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este câlice"...

Vejo como O prenderam e como O levavam amarrado para Anás e Caifás.

O que não deve ter sentido no Seu cora ção, então, naquele caminho? Que sofrimentos, que preocupações, que ameaças exaustivas Lhe passam pela frente!

Por que enorme provação teve que passar!

Vejo como Lhe batem, como Lhe golpeiam o rosto, durante o interrogatório ao qual O submeteram naquela noite, os fariseus e os sábios, os maiores daqueles dias.

Como procuram confundi-Lo com todo o tipo de perguntas e Ele fica calado e olha cada um em seu redor. Olha nos olhos deles, talvez esperando encontrar algum apoio em qualquer um deles. Em sua infelicidade, o homem se agarra a dois olhos amigos. Um olhar ardente, amigo, compreensivo, lhe da esperanças, forças.

Nada... em todo lugar olhos de ferro, cheios de ódio, de perfídia, de desejo de torturar.

Então vejo como, desgostoso, põe os olhos no chão...

3a. feira, 7 de junho

"Todos o condenaram a morte" (Marco 14-16)..., "Depois de algemar Jesus, O leva ram e O entregaram a Pilatus "(Marco 15.1)

E ressoava no seu coração a mesma oração do Jardim de Getsemani: " Meu Pai se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade".

Uma esperança começa a arder no Seu co ração: Talvez Pilatos irá considera-lo ino cente... Realmente, sente a luta entre Pilatos e os fariseus. No final, os fariseus vencem.

Mais uma esperança desfeita. No rosto abatido de dor, de cansaço, um novo raio de esperança aparece:

"É Pascoa. É costume se libertar um con denado à morte".

"Pilatos se dirigirá ao povo. O povo certamente está comigo e pedirá a minha li bertação. Tenho sido bom com ele. Curei tan tos... Não é possivel não estar entre a multidão, lá fora, pelo menos alguns daqueles que Eu curei, porque todo mundo soube que fui preso. Certamente vieram. A multidão es tã comigo."

E estão passando pela frente dos Seus olhos os momentos de há uma semana, da entrada em Jerusalem. Todo mundo O recebeu com ramos de flores, ajoelhando diante dele.

"A maior parte do povo cobria o caminho na frente dele com suas vestes; outros cortavam ramos das arvores e os colocavam no seu caminho".

"E as multidões que iam na frente de Jesus e as que vinham atrás gritavam: Hosa na, filho de Davi!"

"Bendito que vem em nome do Senhor!Hosana, no mais alto dos ceus"(Mateus 21-8-9)

E os que me seguiam aos milhares, nas minhas pregações!

E Seus olhos se iluminavam. Se Pilatos decide consultar o povo, estou salvo!

A dificuldade é Pilatos se decidir .

Enfim Pilatos se decide. Sai na sacada e fala ao povo reunido: (Mateus 27.17) "Qual quereis vos que vos solte?

Barrabas ou Jesus que se chama Cristo?"

Jesus escuta de dentro a pergunta e pa rece-Lhe um seculo o minuto em que espera a resposta:

João 18.40: "Então gritaram todos novamente, dizendo":

- " Não este, mas Barrabás".Ora Barabas era um ladrão.
- "Que hei de fazer, de Jessus, que se chama o Cristo, pois não encontro nele qualquer culpa?"
- "Disseram todos: Seja crucificado". (Mateus ,27-22)
 - "Mas que mal fez Ele?".
- "E eles gritavam mais alto, dizendo: Seja crucificado". (Mateus, 27-23).

E gritavam alto e pediam pressa para ser crucificado.

E os gritos deles e dos presbíteros mais importantes, venceram.

Jesus escutou e Seu olhar se anuviou. Não pode acreditar.Parece que está perdendo o luízo.

É levado para fora aos empurroes... A multidão grita; mas Ele não mais enxerga qualquer pessoa e não mais escuta qualquer coisa... Agora Ele não tem mais forças.Não mais faz milagres, pois no momento que foi preso, Deus retirou-Lhe as forças e O deixou homem como eu, como nos todos.

Para sofrer como homem. Ou seja, para que seu sofrimento seja o máximo: so assim terã o poder de resgate, do resgate de todos os pecados anteriores e após Ele, até nos e até o fim do mundo.

Se tivesse ficado Deus, não teria sofrido. Não havendo sofrimento, como se iam resgatar os pecados do mundo?Pois o Salvador para isso foi enviado.

Então, ele pensou, sofreu, esperou até o último momento, como nos.

Nele doeram os golpes como em nos seres humanos. O cansaço O esgotou assim como a nos. Todas as ofensas, todas as injúrias, todas as injustiças penetraram no Seu coração do mesmo modo que acontece conosco.

Sob as chuvas destes golpes e ofensas, que caiam em cima da Sua cabeça, impotente antes deles, suspirou humanamente, sus pirou como nós.

Eis como ele levanta a Sua cruz, vejo como cai sob o peso dela: pois o nosso cor po humano é fraco e se curva sob o peso das cargas. Enxuga o suor da Sua fronte. Em redor dele somente feras. Ninguem tem piedade dele. Ninguem chora por ele. Todos riem. Eis um pequeno consolo; é alguem que acredita nas Suas dores. Dois olhos O compreenderam. Um coração que bate igual ao d'Ele, na hora da dor suprema.

"E seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam no pei to, e o lamentavam". (Lucas 23.33) "E depois que chegaram ao lugar chamado Calvário, alí O crucificaram, a Ele e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda". Ele não era um atleta para resistir, para se opor, para lutar até ser derrubado.

Vejo-O magro, seco e bondoso, extende Sua mão fraca e esquiada de forças na madeira e fala aos Seus algozes:

"Batem".. Oh! são momentos, que, cada um, parece um seculo.

Eles o pregam. Eis o prego. Sente o primeiro contato com a Sua mão pálida. Oh! o primeiro golpe. O segundo. Sente Seu bra ço pregado na cruz. Dores terríveis passam por todo o Seu corpo. Tem vontade de gritar, mas não tem força nem para isso. Geme!

A mesma coisa com a outra mão. Esticam -na para arruma-la direito, pois ele sente, espetado pela dor e lhe está tremendo a carne e todos os ossos.

Agora pelas pernas: eis o prego. Escutam-se as batidas do martelo, uma após a outra. Cada uma O faz estremecer. Estão penetrando até o seu cerebro.

Muito tarde depois uma voz perdida: "tenho sede" (João 19-28).

... Mas, desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre a terra.

... E eis que o véu do templo rasgou - se em duas partes de alto a baixo.

Deus, Deus meu, porque me abondonaste? (Mateus 27-46).

E depois: "Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito". (Lucas 23-46). E eu ajoelhado, aos pés desta cruz, da qual, do corpo humano partiu para Deus, o Espírito do Seu Filho, faço o sinal da cruz: "Pai nosso, que estais no Ceu, santificado seja Teu nome. Que venha Teu Reino, seja feita Tua Vontade, assim no Ceu como na Terra; dai-nos o pão de cada día e perdoai as nossas ofensas assim como nos perdoamos a quem nos ofendeu, e não nos deixes cair em tentação e nos protejas contra todo mal. Amen".

E para o espírito que se ergueu, tambem:

"Lembra-te de todos os meus. Recebeos sob o Teu escudo. Perdoa-lhes e descança-os em paz. Aqueles que são vivos dailhes forças para vencer os inimigos, para florescimento da Romênia cristã, legionária e pela aproximação de Ti, Senhor, da nossa Estirpe romena, na esperança da Tua ressureição. Amen".

CRISTO RESSUSCITOU

- "Ressuscitou no terceiro dia do tumu lo. Eu O vi!"
 - "Não acredito", disse Tomé.
- E veio Jessus ao meio deles, chamou a Tomé e disse: Mete aqui teu dedo, e vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, e mete-a no meu lado;"(João 20-27).
- -"Senhor meu, e Deus meu "(João 20-28) gritou Tomé, após ter apalpado com suas mãos, a costela transpassada e as mãos do Salvador.

Cristo resuscitou, plantando no mundo inteiro, até o fim dos seculos, a esperança de que nunca pereceremos sob o peso das injustiças, não importa quanto elas pesem sobre nossos fracos corpos.

RESSUSCITAREMOS, VENCEREMOS

Cristo ressuscitou, plantando a esperança da ressurreição dos mortos; que a nossa vida não acaba aqui, com esses tão passageiros 60 ou 70 anos; que ela se prolonga do outro lado; que encontraremos de novo aqueles queridos a nos e nunca mais nos separaremos.

Ressuscitaremos em nome de Cristo e so mente por Cristo, ou seja, fora da fé em Cristo ninguem ressuscitará nem serásalvo.

5a.feira, 9 de Junho

Estava sonhando todas as noites. Nunca tenho sonhado tanto como agora. Esta noite sonhava com uma luta que se travava em Pre deal* entres setores: um na "bomba", outro no declive da cidade que sobe ao Fitifoi, em cima do quartel, o terceiro estava sob o meu comando, entre a vila Stelian Popescu e o Hotel Palace, até a estrada de ferro em direção à estação. Não haviam tiros. A luta era corporal. O meu setor rejeitou o

^{*} Nesta região, na 1ª Guerra Mundial, o Exército Romeno travou lutas muito duras sofrendo pesadas perdas para manter as posições.

inimigo de modo fulminante e o empurrou para la da estação, deixando-o em desordem. Os outros dois setores, com alguma dificuldade venceram também. Na "bomba" intervicom os meus, no último momento. Porem o inimigo já tinha sido expulso quando chega mos.

Fui também para cima, no Fitifoi, e apontava com um canhão, que parecia mais com um lança-bombas "Aasen". Mas não atirei. Dos que estavam comigo, lembro bem de Bordeianu e Miluta Popovici; esqueci os ou tros:

Peguei no sono de novo.

Em frente a minha casa, sentados numa mesa redonda com toalha branca, sonhava comigo, meu pai e mais alguem; na mesa havia uma unica chicara cheia de café puro. A minha direita, a alguns metros de nos.havia um vale grande e em frente, acima de nos, subia reto uma colina grande de terra e de pedras.

A um certo momento começaram a se desprender pedaços grandes e deslisavam para baixo. Caiu também uma árvore verde que havia no caminho. Depois começou a cair também em cima de nossa mesa. Levatamos e fugimos para a esquerda.

Meu pai me disse: 'Beba seu café'. Approximei-me da mesa, mas naquele momento caiu no meio dela, em cima do café, um pedaço de terra em chamas. Retirei-me e come çou a cair terra misturada com cinza e brazas... As mulheres da casa vendo-se neste fogo saíram apanhando as coisas.

Vi a mala do meu pai e apressei-me em cima do montão de coisas para apanha-la. Quando cheguei lá, uma mulher se inclinou sobre a mala e foi coberta logo pela terra e pela cinza que caiam, de modo que ficaram a vista só as pernas. Retirei-a e a le vantei nos meus ombros e com a mao esquerada segurei a mala e a levei. E estava descendo. Meu pai se apressou em virme ajudar gritando: "Coitada, coitada". Despertei.

Peguei no sono de novo. Sonhei que a minha esposa e a Nicoleta estavam dormindo na cama...

Saindo à rua, vi Smarandescu e Horodni ceanu e perguntei a eles "onde está Nicoleta", pois tinha levantado e partido e queria vê-la. Procurei-a num lugar, mas não estava. Procurei-a muito tempo e a encontrei com a mão dela, numa casa muito pobre. Já era dia.

6a.feira, 10 de junho

Hoje de manha vocu o primeiro filhote de pardal do ninho da minha janela... Quan ta emoção, que tremedeira... os primeiros passos e o primeiro voc da vida. Quanto cui dado, quanta alegria para a mãe dele! Esta cheia a abobada das suas chamadas de seus incentivos. So pios! Vá feliz meu querido, para a santa liberdade.

Há alguns dias, anda pela minha cela um gafanhoto verde. Quando me deito, aproxima-se do meu cobertor. Ontem à noite quis pousar na minha cabeça. Procurei afasta-lo. Ficou com medo e num salto desapareceu. Ho je de manha encontrei-o esmagado sob a esteira. Levei-o e cuidei dele uma hora. Dei -lhe agua com açucar. Bebeu. Ficou bom e voou para fora.

A uma hora da tarde fui chamado na chancelaria. Um inquérito. O Cap. Taraneanu, do Conselho de Guerra, veio para averi
guar se fui eu, da prisão, quem mandou um manifesto pelo qual incitava os meus homens "à vingança".

Era "apocrifo", bem entendido.

Dei uma declaração neste sentido. Como é que caem sobre mim tantas maquinações?

Condenado por uma carta que não era minha. Agora vem outra.

Acho que o próprio promotor se convenceu que não era uma coisa séria.

Esta noite, pela madrugada, sonhava que me encontrava numa sala cheia de gente. Tão cheia que respirava com dificuldades. Foram fechadas as janelas. Começava a revisão do meu processo, na apelação ... lacobescu dizia que ia falar duas horas. Despertei.

Peguei de novo no sono. Sonhava que es tava viajando num trem com a minha mãe, a minha esposa, a filha e Silvia. O trem se inclinava tanto do lado de um abismo, que pensava que ia virar. Então pulei fora, pois andava devagar, e o sustentei com o ombro.

Os outros fizeram a mesma coisa...Descarrilhou, mas não caiu no abismo.

2a. feira, 13 de junho

Não dormi a noite toda. Acho que sinto dores nos pulmões, na parte superior, na al tura dos omoplatos. Estou sentindo nos dois lados uma dor leve e um calor permanente. Vou chamar o médico.

Vai ser dificil subir esta montanha...

Depois do almoço, os advogados vieram me ver, pois a 15 p.f. 4a. feira, será julgado o recurso na Corte de Cassação militar.

Eles acham que será adiado por 15 dias, por que isso é rotina.

Apresentam-se novos motivos para cassação e fixa-se um novo prazo.

Estudei com eles os motivos; os principals são:

- i Não foram trazidas as testemunhas de fato, os homens de Ciuc, aqueles com os quais eu trabalhei. Nenhum.
- II Fui condenado por uma carta que não me pertencia. Foi achado o autor dela, que deu uma outra carta, pela qual afirmava que aquela é dele tanto no conteudo como também na caligrafia. Então foi encontrado o autor da carta.
- III Enquadramento errado. Fui enquadrado em crime contra segurança exterior do Es
 tado, em traição, aplicando-me uma pena gigantesca. As ordens não interessam a segurança exterior do Estado, pois não são provinientes de uma potência de fora, que visas
 se:
 - a) A integridade do território

- b) A independência
- c) A soberania.
- 1V Não, nenhuma prova sequer, de qualquer tipo, de que teria tido a inten ção de provocar uma guerra civil; mencio nam-se depositos de armas mas não se mostra qualquer um. Onde estã, o que contém, com quem se encontrou?

Estou sendo condenado por simples a-firmações.

É coisa unica nos anais dos processos, - tanto juridicamente, quanto de procedimento.

3a.feira, 14 de junho

Hoje esteve aqui Lizeta Gheorghiu.Os outros estão estudando.

Confiei-lhe, nesta acasião, um pequeno testamento familiar, que preparei hoje, aqui na minha cela.

Para amanha o recurso.

Hoje acabei de ler "As Epístolas do Santo Apostolo Paulo". Fiquei profundamente impressionado. Confesso que até agora tinha lido só algumas delas e sem aprofundá-las suficientemente. Escreverei mais tar de, pois merecem um estudo completo.

Esta noite sonhei com Garneata. Queixava-se de que não foi bem no acampamento
de Ciuc. Depois sonhei com Tell. Estava
escoltado. Fugiu da casa de lonica. No
fim, sonhei com Alecu Cantacuzino. Falei
com ele numa casa, mas não sei onde.

Quando acabei de ler os Evangelhos com proendi que estou aqui na prisao pela von tade de Deus; que mesmo não tando qualquer culpa do ponto de vista jurídico, Ele está me punindo pelas mínhas culpas e põe à pro va minha fe. Sossequei.

A paz e a tranquilidade cairam por cima da agitação da minha alma, como cai a noite tranquila no campo por cima da agitação das torsões e das tensões do nundo. Os homens, os passaros, os animais, as arvores, as plantas, a terra trabalhada cortada pelos ferros dos arados, entra em repou

Pois fui muito sacudido...

Sofreu de mais a minha pobre carne . Acho que nunca sofri tanto como desta vez.

Não perdi "a fé" e o "amor", mas sentia que num certo momento estava quebrando o fio da minha esperança.

Torturado fisicamente como um cão (as minhas próprias roupas exprimem meus sofrimentos, há 60 días que estou dormindo vestido, em cima de táboas cobertas por esteira. Sessenta días e sessenta noites que os meus ossos, absorvem como uma esponja, a umidade que jorra das paredes e do chão).

Hã 60 dias não troco uma palavra com quem quer que seja, pois ninguem destes da qui têm a permissão de falar comigo. E estou sendo atacado ao mesmo tempo moralmente, acusado de traição, declarado estrangeiro, como não sendo romeno nem pelo pai,

so.

nem pela mãe, mostrado como inimigo do Estado, coberto de golpes e com as mãos amar radas atrás, ou seja sem possibilidade de defesa.

Com o coração encolhido ao pensar nos sofrimentos, injúrias, maltratos dos meus, familia e camaradas. Senti que se tinha rom pido um daqueles três fios invisíveis que liga o cristão a Deus, a esperança. Tinhase escurecido na frente dos meus olhos. Sentia que estava me afogando.

Mas o emendei de novo, lutando dia a dia. Como? Lendo os quatro Evangélhos. Quan do terminei de lê-los, senti que tenho de novo os três fios e que eles estão bons: a fé, a esperança e o amor.

E quando, acabei de ler as carta; do Santo Apostolo Paulo, depreendi delas, as provas decisivas da existência da Ressurei ção e do poder do nosso Salvador Jessus Cristo. Impressionou-me: 1- a sinceridade e a pureza de alma do Santo Apostolo; 2- A vida integral crista, sem mancha; 3 - Os perigos e os sofrimentos pelos quais passou pelo Senhor; 4 - A serenidade e mesmo a alegria com as quais recebia esses sofri mentos; 5 - A força de encorajar também os outros, para que não vacilem diante dos sofrimentos e das persequições; 6 - Um amor santo de uma elevação tremenda para to dos os irmãos cristãos ou seus filhos espi rituais; 7 - Uma ambicão invencivel e rara mente encontrada entre os apostolos de uma fé, de propagar sem cessar o Salvador Jesus para todos os povos; 8 - Os grandes conhecimentos e sabedoria.

Quase em todas as cartas, começa:

"Eu, o preso, que estou me encontrando acorrentado por causa da fé em Cristo, nosso Senhor".

Depois escreve à Timóteo: Apressa - te para vir a mim logo". (Timóteos, 4-9). Ele tinha também desejo de ver alguem.

"Quando vieres, traga-me a manta".

Ele também sentia frio como eu.

Em fim, quanto mais nos aprofundamos na leitura das cartas, chegamos à conclusão:

- 1 Que não somos cristãos, que estamos longe de ser cristãos. Que longe...
- 2 Que estamos nos cristianisando na forma, mas estamos nos descristianisando no contendo.
- 3 Que a humanidade sofreu este processo de descristianisação durante séculos até nos, com poucos momentos de interiorização... A cristianisação na superfície parece que preocupou mais o mundo.
 - 4 Característica do nosso tempo:

Estamos nos preocupando com a luta entre nos e outros homens, não com a luta entre os ensinamentos do Espirito San to e os desejos do nosso ser terrestre.

Estamos nos preocupando e gostamos das vitórias sobre os homens, não das vitórias contra o Diabo e o pecado.

Todos os grandes homens do mundo de ontem e de hoje:

Napoleão, Mussolini, Hitler, etc. estão preocupados muito mais por estes tipos de vitórias.

O Movimento Legionário é uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação.

Insuficientemente!

A responsabilidade de um dirigente é mui to grande.

Ele não deve regozijar os olhos dos seus exércitos com vitórias terrestres, sem pre para-los ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual a alma de cada um pode se coroar com a vitória da eternidade ou com a derrota eterna.

5 - Finalmente, a falta - pelo menos entre nos - de uma elite clerical, que tenha guardado o fogo sagrado dos velhos cristãos. A falta de uma escola de grande eleva ção e de grande moralidade cristã.

6a. feira de manha, 17 de junho

4a. feira pelas 5 da tarde veio minha es posa com a sua mãe. Falaram-me que o meu pro cesso em curso não foi adiado como era de costume, mas ia ser julgado de tarde as 5, continuado na sessão da noite. Minha esposa falou-me que foi chamada à Legião de Gendarmes de Baneasa, onde foi retida de manha até a uma hora da tarde, para dizer-lhe que não mais tem permissão de entrar em sua casa, na Casa Verde, e que 6a. feira venha empacotar suas coisas e Domingo as leve com carros para onde quiser.

Estava muito aborrecida. Tirar as coisas da sua casa. Para onde leva-las? Onde ficar? Eu na prisão, minha esposa sem qualquer am paro, jogada na rua, com a filha na mão.

Quanta falta de humanidade!... Quanta falta de respeito!

Ficamos todos três e pensamos: onde? Onde?

Eu dou também alguns endereços, ao aca so. Não temos tanto dinheiro para pagarmos uma casa de aluquel...

Disse-lhe que se me for rejeitado o re curso serei levado daqui para Doftana.

Ela quer vir com a filha, morar na aldeia junto à prisão.

Disse-lhe que deixei com Lizeta Gheorghiu disposições testamentárias e comecei a resumir em algumas palavras o seu conten do.

Elas choravam, tanto minha esposa como também a mãe dela; a menina que tinha apenas quatro anos, não está compreendendo toda a tragedia destes momentos, quando a sombra da morte começa se espalhar sobre os pensamentos de uma familia.

Depois dos 15 minutos regulamentares, partiram.

Agora é 6a.feira de manhã. Ainda não me foi trazida a resposta do recurso.

Em nossa casa, à esta hora, minha esposa está empacotando as coisas e chora todas as suas infelicidades.

Mas isto não é possivel. Voltaremos.

6a.feira, de tarde, 17 de junho

Há meia hora os advogados vieram e me disseram que foi rejeitado o meu recurso na Corte de Cassação Militar.

Todos estavam tristes e abatidos.

Fiquei com eles 15 minutos. Perguntei como decorreram os debates. Relataram - me em algumas palavras; despedimo-nos. Voltei para minha cela, sentei-me na beira da minha cama de táboas e rezei a Deus, dizendo "Pai nosso, Senhor seja feita Sua Vontade!"

Domingo, 19 de junho

Esta noite, pela meia noite e meia, enquanto me esforçava para pegar no sono, ou vi passos aproximando-se da minha cela. Ba rulho de cadeado e a porta abriu-se.

Era o tenente de serviço com o primeiro guardião. Vieram para me avisar que devia partir para Doftana. Levantei, vesti-me as pressas, apanhei as minhas coisas em duas malas e no cobertor, fiz a minha prece e deixei esta moradia do meu sofrimento e das minhas tormentas, com o pensamento dirigido para o desconhecido.

Fiquem em paz, centenas de legionários, queridos camaradas, que sofrem entre estes muros.

Cercado por quatro sentinelas, cheguei a chancelaria. Aqui me foi feita uma detida revista corporal. Procuraram nos meus bolso, apalparam com atenção o colarinho, as maigas, o corpo, as pernas; depois precisei tirar os sapatos para serem examina-

Com o mesmo cuidado foram examinadas também as bagagens.

Cumprimentei o Coronel Brusescu, o comandante da prisão e os ofociais, que, no cumprimento do seu serviço, se comportaram com muita elegancia para comigo; um major de gendarmes, um capitao, o mesmo que me trouxe de Predeal e depois ao Conselho de Guerra, em cujos olhos pude ler um sentimento de compaixão por todas as infelicida des que caíram em cima de mim, um primeiro tenente — o antigo guarda durante meu processo — também muito delicado e um comissário de polícia, assumiram a minha quarda.

Subi num taxi, tendo à direita o major, no banquinho virado para nos, o capitão e no banco da frente ao lado do chofer um sargento.

Na nossa frente, a 30m ía um outro carro de polícia e atrás um caminhão com 30 gendarmes ...

Eram duas da madrugada. Fora fazia um tempo bonito. No ceu estava se projetando a luz da Capital, da qual nos estavamos nos aproximando.

Estive neste caminho, há dois anos com o professor Dobre, um dos meus bons co mandantes legionários.

Paramos o carro na aldeia para almoçar. E as lembranças começam a desfilar na minha mente... Entramos em Bucareste. Quanto mais nos aproximamos do centro, mais conhecidos me são os lugares.

Eis que o carro passa pela estrada Stefan Cel Mare (Estevão o Grande) a alguns metros do restaurante que tinhamos em "Obor". Olho, vejo o predio sombrio, sem os bonitos letreiros legionários, que o adornavam há dois meses atrás.

Seguimos o caminho costumeiro pelo qual voltava para a Casa Verde.

Depois, na Praça da Vitória, entramos a direita na estrada que vai a Ploesti.

Outras lembranças!... É o caminho pelo qual la muitas vezes de carro, dirigido pe lo fiel llarie, à Predeal, o meu lugar pre dileto de descanso. Estava naquele tempo com a minha esposa, com a filha, com os legionários. Agora estou sob guarda e vou, condenado a 10 anos, à Doftana.

Na estrada, alcançamos um carro de feno puxado por 6 pares de bonitos bois. É um bom sinal. Estamos nos aproximando de Ploesti. São três horas passadas. O poder da noite começa a diminuir e ao horizonte começou avançar as primeiras patrulhas da luz.

De vez em quando falo com o major e descobrimos que fomos camaradas na escola militar de oficiais de infantaria, há 20 anos, em Botosani, ele acabando meio ano antes de mim. Lembramo-nos daqueles tempos, dos camaradas de escola, dos oficiais.

Entramos em Ploesti. Passamos pelas ru as quietas da cidade. Todo mundo está dormindo. Saimos em direção à Câmpina. De traz das colinas invade a luz. O capitão da minha frente está cochilando. Eu estou pensando em dias melhores. Paciência no caminho do sofrimento.

Vou para frente com o pensamento fixado na esperança. Após um bom tempo, a esquer da, se abre bonito e luminoso, o Vale do Prahova. A água corre calmamente, passando pela areia. Descemos para passar a ponte e para subir em direção das primeiras casas de Câmpina.

No centro limpo dessa cidade, entramos à direita. Após 2 km, à esquerda e à direi ta abre-se imponente o vale de Doftana.

A nossa frente, numa colina alta, uma fortaleza do tipo medieval.

Está cercada só de verde. A prisão de Doftana, dos condenados a trabalhos forçados, para onde vamos.

É tão bonito fora. Uma manhã daquelas de rara beleza, cheia das bençãos de Deus.

Sai o sol dentre as árvores da colina e derrama luz dourada sobre o verde das re dondezas, sobre a água do vale.

Chegamos. Os oficiais e os gendarmos desceram. Avisaram o diretor da prisão. Eu fico no carro. Os funcionários, levan tados do sono, reunem-se um a um.

Estou sendo conduzido para o escritório. Diretor, subdiretor, funcionários, não conhecia nenhum deles. Os funcionários parecem homens bons. O diretor e o subdiretor. pessoas distintas. As mesmas formalidades de uma revista mi nuciosa, desde os bolsos até os sapatos. E tanta humilhação mestas revistas regulamen tares.

Aceito com resignação.

Estão me avisando que na prisão não é permitido a cor verde. Estão me retirando o sweter verde que vestia e me permitem vestir um outro branco no lugar dele. Estão me retirando também umas mangas de lã, também verdes.

Enfim, fui levado para o interior da prisão, com aspecto de muito cuidada. No fundo vejo uma igrejinha. Deus é presente em qualquer lugar.

Do lado esquerdo, num corredor, em frente, um quarto branco, recem pintado, alto com janelinhas bem em cima, não se pode ver nada por elas. Aproximadamente 5m. de com primento e 2,5m de largura. Esta é a minha nova cela onde precisarei ficar.

No fundo uma cama de ferro, um colchão de palha, com travesseiro, com cobertor. O chão é de cimento e tem duas esteiras. Uma mesinha de madeira e duas cadeirinhas.

Estou sendo avisado que sendo condenado a seis meses de prisão correcional, te rei direito a sair o dia todo no páteo em frente à cela. Depois de passar pela Cor te de Cassação a Condenação a 10 anos, apli car-me-ã o regime de trabalho forcado, que começa no primeiro ano, preso o dia intei ro na cela, com saída de uma única hora por dia. Agora posso ser visitado pela família cada duas semanas; depois, no outro regime, somente cada dois meses. Tenho permis são de escrever para casa uma vez por sema na, agora. Quando chegar a condenação definitiva, uma vez por mês.

Dificil!... Muito dificil! Mas me con formarei sem murmúrios.

Deitei na cama. Estou cansado. E te nho frio. Parece que sinto tanto frio quan to em Jilava. Adormeci.

Despertei com um barulho. Olho em re dor. Um rato tinha subido na mesa e tinha começado a roer um pacotinho com comida.

Afastei-o. Peguei no sono de novo; des pertei novamente. Fiquei assim até o meio dia, os meus pensamentos voando para longe.

Trouxeram-me a comida, sopa de carne com legumes. Comi a carne e algumas co-lheres de sopa.

Passei pelo páteo. Voltei para a cela e dormi até às 5 da tarde. Saí de novo no páteo. A comida do jantar foi sopa sem car ne. Não tinha apetite.

Pelas 7 da noite foi a inspeção do \$r. Goranescu, subdiretor geral das prisões pe nitenciarias.

A noite, após o fechamento, veio o médico da prisão e me examinou. Uma mã noticia. Tenho as pontas dos pulmões presos, assim como na parte inferior, atrás e na frente.

Deu-me uma receita. Injeções de câlcio, uma pomada para passar e alguma coisa para abrir o apetite.

Coitados dos pulmões, não aguentam mais tanto sofrimento.

Depois de ser atacado no meu ser moral, depois de ser tratado barbaramente do ponto de vista físico, agora vem em cima de mim um terceiro ataque: estou sendo atacado pelos micróbios.

MAS DEUS VE E RECOMPENSARÁ!



A Cruz do Túmulo de Jilava

